

Livro de Resumos

Conferência

A EUROPA NO MUNDO E O MUNDO NA EUROPA. CRISE E IDENTIDADE.

UNIVERSIDADE DO MINHO (BRAGA), 18-19'06'2015

Organização:



Universidade do Minho
CECS Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade



© CECS 2015 Todos os Direitos Reservados
A presente publicação encontra-se disponível gratuitamente em:
<http://www.lasics.uminho.pt/euromundi/>

Título Livro de Resumos da Conferência “A Europa no Mundo e o Mundo na Europa. Crise e Identidade”

Editores Rita Ribeiro, Sheila Khan & Vítor de Sousa

Capa Vítor de Sousa

Formato Livro de resumos, 57 páginas

Data do evento 18-19 junho 2015

Contacto europamundo2015@gmail.com

Coordenação do evento CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
CICS -Nova Centro Interdisciplinar em Ciências Sociais
Universidade do Minho Campus de Gualtar
4710-057 Braga - Portugal

Composição e paginação Ricardina Magalhães



Universidade do Minho
CECS Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade



ÍNDICE

| | |
|-----------------------|----|
| Apresentação | 4 |
| Comissão Organizadora | 5 |
| Comissão Científica | 5 |
| Programa Científico | 6 |
| Sessões Plenárias | 11 |
| Sessões Temáticas | 17 |
| Debate Africano | 56 |

APRESENTAÇÃO

A Conferência “A Europa no Mundo e o Mundo na Europa. Crise e identidade” pretende constituir um espaço de reflexão acerca das antinomias que atravessam a Europa contemporânea nos seus múltiplos quadros de relação com o mundo. Num contexto de *crisis*, os caminhos que se oferecem à Europa precisam de ser discutidos abertamente, convocando o que de mais digno nos legou a cultura europeia: o pensamento crítico, a justiça social, a diversidade cultural. Porque a Europa se fez no mundo, será esta Conferência momento também para discutir como aporta o mundo ao continente europeu e de que forma se posiciona a Europa perante as transformações contemporâneas do planeta, tendo como pano de fundo as relações políticas e culturais tecidas pela história.

A complexidade do tema que nos reúne nesta conferência apela a um debate escorado num pensamento transdisciplinar que convida para a mesa de trabalhos o contributo de áreas diversas das ciências sociais e humanas. Em tempo de crispação social, económica e política na Europa, impõe-se a necessidade de pensar criticamente sobre as transformações que vêm sublinhar as contradições e fissuras do espaço europeu e que nos interpelam, enquanto europeus do Sul, a compreender o lugar da Europa no mundo contemporâneo. Para tal, importa visitar o lastro de história e memória de que se fazem as relações entre as nações europeias, mas também com os espaços extra-europeus, particularmente no quadro das dominações coloniais. Do mesmo modo, é dada especial atenção à forma com as ligações da Europa ao mundo são trabalhadas no campo da produção cultural e artística. No quadro de grandes mudanças societais, que nos confrontam com os limites da condição humana e da sua relação com a natureza, e face à tibieza das respostas políticas, este encontro pretende discutir as reconfigurações que se operam na relação da Europa com o mundo e do mundo com a Europa.

A Comissão Organizadora da Conferência,
Rita Ribeiro, Sheila Khan e Vítor de Sousa

COMISSÃO ORGANIZADORA

Madalena Oliveira
Ricardina Magalhães
Rita Ribeiro
Sheila Khan
Vítor de Sousa

COMISSÃO CIENTÍFICA

Ana Mafalda Leite
Ana Paula Marques
Augusto Nascimento
Beatriz Padilla
Cristina Joanaz de Melo
David Justino
Diogo Ramada Curto
Elena Brugioni
Emília Araújo
Inocência Mata
Isabel Estrada Carvalhais
José Carlos Venâncio
José Luís Garcia
José Manuel Sobral
Luís Cunha
Manuel Carlos Silva
Manuel Lisboa
Maria Manuel Baptista
Maria Manuela Tavares Ribeiro
Miguel de Barros
Moisés Martins
Paula Meneses
Paulo Medeiros
Rosa Cabecinhas
Viriato Soromenho-Marques

PROGRAMA CIENTÍFICO

18 DE JUNHO | 9H30 – 12H30

ABERTURA | ANFITEATRO DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Helena Sousa – Presidente do Instituto de Ciências Sociais
Moisés Martins – Director do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Manuel Carlos Silva – CICS.Nova - UMinho

9H45-10H45

Moderação: Vítor de Sousa

No caminho de Portugal, a Europa e o Atlântico
Moisés Martins

Diásporas, glocalizações, estranhamentos e comichões
Pedro Proença

INTERVALO

11H00 – 12H30

Moderação: Maria Manuela Tavares Ribeiro

Estado-nação, escola de massas e identidade europeia
David Justino

Cartografias identitárias na Europa – a produção de centralidades e marginalidades
Maria Manuel Baptista

18 DE JUNHO | 14H00 – 15H30

SESSÃO TEMÁTICA: PENSAR A UNIDADE EUROPEIA

Sala de Actos do ICS
Moderação | Isabel Estrada Carvalhais

SESSÃO TEMÁTICA: FRONTEIRAS E RELAÇÕES EXTERNAS NA EUROPA

Anfiteatro do IE
Moderação | João Rodrigues

«Making sense of European historical thinking» – o debate contemporâneo
Joana Duarte Bernardes, Francisco Azevedo Mendes e Fátima Moura Ferreira

Europe's steady state
Luís Beato Nunes

Da promessa de «Paz Perpétua» aos conflitos sem fronteiras
Luís Cunha

A União Europeia e o Ártico: Desafios para a segurança marítima
André Santos e Márcia Pinto

“Transcender a cultura: poderá a Europa ser um modelo de convivência através da diferença?”
Rita Himmel

Europa “regressa” ao Atlântico
José Palmeira

A(s) crise(s) e a(s) identidade(s). A globalização, a perda de soberania dos estados e a emergência dos patriotismos. A tentativa da recuperação da 'portugalidade'.
Vítor de Sousa

O mito da Europa social. Antinomias políticas entre o plano social e a arquitetura económica e financeira da agenda europeia
Henrique Ramalho

Crise e política da moral: a Europa nos seus ressentimentos
Rita Ribeiro

18 DE JUNHO | 16H00 – 17H30

SESSÃO TEMÁTICA | O OUTRO NA EUROPA E A EUROPA OUTRA

Sala de Actos do ICS
Moderação | Albertino Gonçalves

SESSÃO TEMÁTICA | TERRITÓRIO E PARTICIPAÇÃO: LEITURAS CRÍTICAS

Anfiteatro do IE
Moderação | Cristina Joanaz de Melo

O retorno da exceção banalizada
Isabel Estrada Carvalhais

Conhecer a intervenção humana no território e executar um futuro: a consultoria histórica da paisagem como ferramenta operativa
Cristina Joanaz de Melo

História oral, identidades e memória social: entrevistas auto-biográficas a migrantes
Rosa Cabecinhas e Luís Cunha

Participação pública na ciência no contexto europeu: análise comparativa entre Portugal, Espanha, Reino Unido e Dinamarca
Liliana Oliveira e Anabela Carvalho

Identidade europeia e a proteção da diversidade cultural, religiosa e linguística na UE
Patrícia Jerónimo

Instituciones locales 2.o. Análisis de la presencia de los ayuntamientos de la Eurorregión Galicia-Norte de Portugal en las plataformas sociales
Xabier Martínez Rolán, Teresa Piñeiro-Otero e David Caldevilla-Dominguez

Identidade europeia em constante mudança: os eventos históricos de 1989/1991 e o seu reflexo na atualidade
Álvaro Cúria

Mediação parental no uso de tecnologias por crianças: paradoxos da imposição de restrições
Ana Francisca Monteiro e António José Osório

18 DE JUNHO | 17H45 – 19H15

| SESSÃO TEMÁTICA (P)ARTE CONSTITUINTE, (P)ARTE EM MUTAÇÃO Sala de Actos do ICS Moderação Paula Bessa | SESSÃO TEMÁTICA ARTES VISUAIS E IDENTIDADE Anfiteatro do IE Moderação Helena Pires |
|---|---|
| A esfera da arquitectura portuguesa (1481-1557): entre o centro e a circunferência. Difusionismo, isolacionismo e confluência na modelação historiográfica (séculos XIX-XXI) Luísa França Luzio | Contributos para uma reflexão sobre o cinema pós-colonial português Ana Cristina Pereira e Rosa Cabecinhas |
| Os objectos artísticos e a integração da epopeia marítima portuguesa na identidade civilizacional europeia: uma reflexão transdisciplinar Inês Carvalho Matos | A relação entre Portugal e Brasil na coprodução cinematográfica. Políticas, experiências e desafios Flávia Rocha |
| Mundos confluentes - Percepções sobre arte africana contemporânea no ocidente Celso Martins | Memoria e identidad en el reciente cine europeo José Manuel Peláez Roperó |
| | Nano-gaming: produtoras e editoras de videojogos como criadores de conteúdos sobre nanotecnologia Rui Vieira Cruz |

19 DE JUNHO | 9H30 – 11H00

| SESSÃO TEMÁTICA LEITURAS SOBRE A (PÓS) COLONIALIDADE PORTUGUESA Sala de Actos do ICS Moderação Luís Cunha | SESSÃO TEMÁTICA MOBILIDADE E IDENTIDADE NA EUROPA Anfiteatro do IE Moderação Rita Ribeiro |
|---|--|
| Um centro sem fronteiras: com Helder Macedo, pelo mundo Ana Margarida Fonseca | A mobilidade intercontinental de cientistas europeus: discursos sobre perdas e ganhos d(n)a Europa Emília Araújo |
| O gênero e os Gêneros: formas europeias, enunciações marginais Emerson Inácio | Jovens europeus em busca da Europa Vania Baldi |
| Revisitando as relações coloniais entre Portugal, África e Brasil: história e memória dos quilombos de Itacaré e do Rio de Contas, BA Valéria Amim e Leila Amaral | Portugal europeu: a percepção dos estudantes de Erasmus Daniel Novera |

Os nexos securitários na narrativa da União Europeia: do *crossborder* às fronteiras sociais e identitárias
Ana Paula Lima Pinto Oliveira
Almeida Brandão

19 DE JUNHO | 11H30 – 13H

SESSÃO TEMÁTICA | MEDIA, CULTURA E IDENTIDADE
Sala de Actos do ICS
Moderação | Madalena Oliveira

SESSÃO TEMÁTICA | MOBILIZAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO: ACONTECIMENTOS E MOVIMENTOS SOCIAIS EM PORTUGAL NO SÉCULO XXI
Anfiteatro do IE
Moderação | Carla Cerqueira

O Eu e o Outro - o caso do atentado ao “Charlie Hebdo” à luz do jornal português “Público” e do jornal russo “Kommersant”
Helena Carla Gonçalo Ferreira,
Pavel Nosov, Maria Manuel
Baptista e Larissa Latif

Os Movimentos Sociais do século XXI: uma nova forma de participação cívica?
Célia Taborda

Media e identidade(s): as notícias sobre a Europa e o mundo nos meios de comunicação social portugueses
Marta Lima

O anonimato, as redes digitais e os horizontes de uma nova polis – Cidadãos e anónimos nas manifestações da Geração à Rasca de 2011
Luís Miguel Loureiro

Portugal no Coração - A performance no Festival Europeu da Canção como veículo de uma narrativa nacional
Sofia Vieira Lopes

“Não é fácil ser fácil”: uma análise da SlutWalk Portugal nas redes sociais
Anabela Santos, Carla
Cerqueira, Rui Vieira Cruz

FIFA World Cup 2014 e o Serviço Público de Media na Europa: Os desafios dos periféricos móveis na construção do #estádio global
Ivo Neto e Felisbela Lopes

19 DE JUNHO | 14H – 15H30

**SESSÃO TEMÁTICA | MEMÓRIA E PÓS-MEMÓRIA
NAS LITERATURAS CONTEMPORÂNEAS**

Sala de Actos do ICS
Moderação | Rosa Cabecinhas

Autoridades de memória e de pós-memória – Vozes Femininas em Helder Macedo (Natália, 2009) e em Isabela Figueiredo (Caderno de Memórias Coloniais, 2009)
Sheila Khan

Indícios, rastros, testemunhos. Uma leitura de Rainhas da Noite de João Paulo Borges Coelho
Elena Brugioni

História, memória e identidade em Al Capone le Malien de Sami Tchak
Marie-Manuelle Silva

“London as a world city”: as realidades do cosmopolitismo na Europa globalizada
Margarida Esteves Pereira

19 DE JUNHO | 16H – 20H00

SESSÃO FINAL

Anfiteatro IE
Moderação | Rita Ribeiro

Crise e metamorfose do capitalismo
José Luís Garcia

Uma Europa com amos? Notas críticas de história da economia política europeia
João Rodrigues

Alternativas e resiliências a partir do Sul. Diálogos emancipatórios das aprendizagens de intervenção para o desenvolvimento na Guiné-Bissau
Miguel de Barros

ENCERRAMENTO

Sheila Khan

18H – 20H

Debate Africano (em directo) – RDP África

SESSÕES PLENÁRIAS

**SESSÃO PLENÁRIA 1 (18 DE JUNHO, 9H45
— 12H30) — ANFITEATRO DO IE**

DIÁSPORAS, GLOCALIZAÇÕES, ESTRANHAMENTOS E COMICHÕES

PEDRO PROENÇA
ARTISTA PLÁSTICO

RESUMO

A Europa constrói-se nas artes e nas literaturas entre nostalgias de identidades, muitas vezes equívocas, e a absorção, por múltiplas vias (entre emigrações e mistificações), do que não é europeu. Desde sempre houve fluxos migratórios que desencadearam produções artísticas, provocando sincretismos e abrindo novas sequências formais — desde Creta a Mohenjo Daro, passando pela globalização mercantil do século XVII, até aos dias de hoje. Os modos de tradução, assimilação, mimetismo e mistificação acabam por se incorporar no mosaico de tradições culturais muito diversificadas que proliferam no espaço europeu. Sendo natural haver um peso das tradições locais na produção literária (inerente à especificidade de cada língua), nas artes visuais são raros os países europeus (desde inícios do século passado) em que a prática artística tenha a ver com a sua glocalidade — introjectam-se os modelos dos figurinos globais e com “sorte” acrescenta-se qualquer coisa. Faz sentido glocalizar? Trabalhamos sob a radiação de múltiplas diásporas? Como lidam os criadores europeus com este estranhamento que é a Europa a dissolver-se no resto do Mundo?

NO CAMINHO DE PORTUGAL, A EUROPA E O ATLÂNTICO

MOISÉS MARTINS
CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE – UMINHO

RESUMO

Nos últimos sessenta anos, a Europa viu-se animada por um sonho, hoje seriamente ameaçado, o de uma comunidade económica, política e cultural. Parece que estamos a viver, não uma mudança de fase, mas um fim de linha, depois do longo mas inconsequente caminho percorrido. É conhecido o caminho. Da simbólica “comunidade europeia do carvão e do aço” (1951), passámos à ideia da construção do mercado económico europeu, pelo “Tratado de Roma” (1957). Portugal participou deste sonho desde 1974, tendo aderido à Comunidade Económica Europeia em 1986.

Caiu, entretanto, o Muro de Berlim (1989). Já no novo século, assistimos à aliança que uns tantos países da comunidade europeia estabeleceram com os Estados Unidos, para levar “a democracia ao deserto” (2005). Deu-se, depois, o alargamento da União para vinte e sete membros (2007). E, finalmente, eclodiu a crise financeira, que varrendo a América, em 2008, alastrou à Europa, sobretudo aos países do Sul, como crise das dívidas soberanas. E com esta crise, seguida dos programas austeritários, como que atingimos o fim das ilusões e a ideia de “construção europeia” corre, hoje, o sério risco de se afundar.

O sonho europeu alimentou-se nos mesmos princípios que fizeram a modernidade, o princípio teleológico (helénico) e o princípio escatológico (judaico-cristã): tratou-se sempre de projetar para diante uma ideia de emancipação; foi sempre em nome de uma promessa de perfeição final, que pôde falar-se de uma ideia de futuro comum.

As categorias que fizeram o Ocidente fundavam-se na palavra - um espaço de promessa. Era a promessa que declinava o futuro, dando-nos garantias sobre ele. Mas esta metafísica da unidade parece ter acabado no Ocidente: já não lançamos um propósito para diante (para o futuro), fundando-o numa origem perdida. Agora, é para o presente que somos mobilizados. As palavras da promessa (democracia, cidadania, desenvolvimento pessoal, cívico e cultural), centradas no futuro, foram substituídas pelos números da promessa, que no Ocidente são números de crescimento económico, obsessivamente procurado, e que em Portugal são números que exprimem uma intérmina crise.

Foram as tecnologias da informação que fizeram eclodir a crise, ao produzirem a globalização cosmopolita - uma globalização de cariz económico-financeiro, que serve o mercado global, para onde nos mobiliza, total e infinitamente. Hoje, achamo-nos precipitados no presente, sem a garantia de um fundamento sólido, de um território conhecido e de uma identidade estável, mobilizados infinitamente pela esfinge insaciável dos mercados. Nestas circunstâncias, sobra-nos o homem na ambiguidade da sua di/visão: rugoso, viscoso, hesitante e em travessia, obrigado a arrostar com perigos e a fazer escolhas, sempre na incerteza do caminho a seguir.

Mas não são os indivíduos, solitários e impotentes, nem os estados-nação em crise, que podem contrariar este movimento, empobrecedor e de sentido único. A meu ver, apenas poderá fazê-lo uma ideia de globalização multiculturalista, que reúna os povos de áreas geo-culturais alargadas e que promova e respeite as diferenças, dignificando as línguas nacionais. A globalização multiculturalista tem a virtude do heterogéneo - a sedução de uma rede tecida de fios de várias cores e texturas, uma rede de povos e países diversos, capaz de resistir à sua redução a uma unidade artificial.

Uma ideia de comunidade europeia não pode ser estranha a este movimento das identidades transnacionais. Nela prevalece o princípio de que o progresso e a cultura resultam da miscigenação das etnias, e também da miscigenação de memórias, tradições e paisagens. E deve impor-se, ainda, o princípio de que é possível fazer florescer no seio de uma entidade transnacional, ou supranacional, uma federação com lugar para muitos Estados.

Portugal precisa de reinventar esse horizonte, com os parceiros do espaço lusófono, precisa de prometer-nos essa perfeição, a de uma comunidade partilhada, pois é esse, a meu ver, o futuro que o espera.

ESTADO-NAÇÃO, ESCOLA DE MASSAS E IDENTIDADE EUROPEIA: AS CONTRADIÇÕES CULTURAIS DA EUROPA COSMOPOLITA

DAVID JUSTINO
CICS.NOVA

RESUMO

A moderna escola de massas é um adquirido institucional da modernidade europeia. Na sua concepção e desenvolvimento baseou-se numa matriz cultural comum às sociedades europeias e num modelo de organização racional e secularizada das aprendizagens. Mais do que um produto do Estado-Nação ela foi instrumento poderoso de construção da Nação pelo próprio Estado, de criação e difusão dos valores e mitos nacionais que consolidaram a ideia de uma Europa das Nações.

O desafio das atuais sociedades europeias é bem diferente e encerra contradições substantivas com esse modelo. Em primeiro lugar, pela crise do próprio Estado-Nação; em segundo lugar, pela maior diferenciação social e cultural que limita a base tradicional; em terceiro lugar, pelo que poderemos designar pela desnacionalização e maior universalização do conhecimento escolar; por último, pela potencial reconfiguração de uma Europa das Nações numa Europa das Culturas.

CARTOGRAFIAS IDENTITÁRIAS NA EUROPA — A PRODUÇÃO DE CENTRALIDADES E MARGINALIDADES

MARIA MANUEL BAPTISTA
UNIVERSIDADE DE AVEIRO

RESUMO

O conceito de identidade permanece na história do pensamento ocidental mais como uma questão do que como uma resposta. Longe de poder ainda ser considerado através de uma perspectiva essencialista que o reifica, a tendência actual tem sido de abandonar o conceito de identidade em favor do conceito de diferença, mas, neste caso, o conceito tem sido representado como essencialmente um bem consumível (referimo-nos por exemplo ao modo com as indústrias culturais ou o turismo cultural abordam este conceito).

O ponto de vista que defenderemos parte da ideia de que a identidade é uma narrativa na qual diversos polos dilemáticos se digladiam: o eu e o outro,

resistência e conformação, o social e o individual, passado e futuro, etc. Para além disso, estas narrativas identitárias fazem parte de performances identitárias de geografias variáveis e com uma materialidade específica. Mais útil do que discutir os prós e os contras deste conceito, parece-nos ser a compreensão das políticas de localização destes discursos, surpreendendo-os na sua dinâmica de oposição face a narrativas identitárias concorrentes, produzindo, deste modo, cartografias identitárias em movimento.

Com efeito, só à luz de uma tal cartografia poderemos entender a produção de narrativas da centralidade e das periferias/marginalidades/diferenças na Europa contemporânea, compreendendo, para além da sua dimensão mítica e narrativa, também o seu carácter fluído, movente e performativo.

SESSÃO PLENÁRIA 2 (19 DE JUNHO, 16H00 – 18H00) – ANFITEATRO DO IE

CRISE E METAMORFOSE DO CAPITALISMO

JOSÉ LUÍS GARCIA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, ULISBOA

RESUMO

Se considerarmos as actuais dificuldades financeiras, orçamentais e económicas do capitalismo a partir de uma perspectiva contínua, como conjuntura de uma sequência que pode remontar às décadas finais do século XX, é possível perceber certas correspondências entre algumas correntes de ideias, a emergência de novas forças sociais, económicas e tecnológicas e o processo conhecido por globalização. É esta a intenção da reflexão que nos propomos fazer. A interpretação que exploraremos do que tem sido repetido com o termo “crise” implica a procura de uma compreensão mais lata, que inscreve as suas raízes, consequências e desenvolvimentos num processo diacrónico, abrangente e complexo. Em coerência, procuramos tratar o que vulgarmente se designa como crise recuando algumas décadas e interpelando diversos elementos e relações actuates do momento que estamos a viver.

A constelação ideológica referida tem sido acompanhada pelo projecto de constituição de um mercado planetário, pelo desenvolvimento das oportunidades de expansão económica disponibilizadas pelo surto de tecnociências e novos ramos industriais tecnológicos surgidos nos finais do século XX e pelo não comprometimento com soluções políticas para as externalidades do mercado.

O que se popularizou como crise é, provavelmente, a face visível e a expressão mais imediata de uma reformulação dos campos de acção do capitalismo e dos mapas internacionais de poder. A extensão do capitalismo

abrange agora domínios anteriormente imunes à lógica mercantil, nas dimensões orgânica e intelectual. Abrem-se novas esferas industriais e comerciais, como os biomercados e o ciberespaço. A produção contemporânea, dita pós-industrial, cria e acrescenta necessidades em massa, ficcionadas e impulsionadas pela dinamização dos valores de marketing, da publicidade e da crescente esteticização dos produtos mercantis. A mercantilização do conhecimento, concomitante com a revolução digital, é um dos factores centrais do novo padrão económico.

UMA EUROPA COM AMOS? NOTAS CRÍTICAS DE HISTÓRIA DA ECONOMIA POLÍTICA EUROPEIA

JOÃO RODRIGUES

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, UCOIMBRA

RESUMO

A Internacional, um dos hinos associado a todos os socialismos, proclama uma “terra sem amos”, uma terra livre de todas as formas de exploração e de opressão. A Europa foi um dos continentes onde esta luta adquiriu uma das expressões mais densas e organizadas no século XX. Hoje, pelo contrário, a Europa é uma terra com amos capitalistas bem poderosos no contexto de uma integração europeia com contornos pós-democráticos bem vinculados. Estes contornos articulam-se com uma crise, sentida com particular violência nas periferias da Zona Euro, que está a levar a levar uma parte significativa da opinião pública a rever as suas crenças sobre a natureza da integração europeia.

Esta comunicação apresentará, através de breves notas críticas de história da economia política europeia, razões para a urgência dessa revisão de crenças, desafiando mitos ainda hoje enraizados num certo imaginário europeísta, em particular o de que a integração teria correspondido, ou poderia ainda vir a corresponder, a um enraizamento do “modelo social europeu”, a uma igualização por cima de condições de vida, promovendo assim relações democráticas e fraternas.

Pelo contrário, defender-se-á que a história da integração europeia é sobretudo a história da transferência de poderes democráticos dos Estados para instituições supranacionais esvaziadas de democracia, ou seja, a história da integração europeia é parte da história da inscrição institucional do neoliberalismo no continente. Isto aconteceu porque a escala europeia revelou ser a escala política ideal para muitas operações políticas do capital dominante, estando as suas instituições cada vez melhor calibradas para consolidar o poder disciplinar dos mercados sobre as classes populares e para promover a consolidação de regras que transferem recursos de baixo para cima dos mais pobres para os mais ricos – e de dentro para fora – dos países devedores mais frágeis para os países credores mais fortes. A integração configura

hoje uma original modalidade de imperialismo neoliberal no continente. As conquistas socioeconómicas dos de baixo, parte das lutas por uma “terra sem amos” dependeram, por seu turno, da intensificação da participação, associada à construção de Estados capazes e de comunidades políticas com vínculos densos, com possibilidade de institucionalizar a primeira pessoa do plural. Estes processos estão vedados à escala europeia também pela dependência em relação ao caminho percorrido, pela natureza dos arranjos institucionais europeus, pelas fracturas políticas criadas, pela inexistência de um sujeito político progressista real a operar nessa escala e pelo viés neoliberal dos processos políticos supranacionais. Se isto for verdade, então há mesmo todo um trabalho intelectual e político de revisitação das melhores escalas para recomeçar a construir uma Europa sem amos. Neste contexto, talvez seja melhor recomeçar pela escala nacional, onde está a democracia, sem ao mesmo tempo descurar o contágio e apoio internacional que apoie essa escala. Neste contexto, talvez haja muito a aprender com o “internacionalismo nacionalista” de um certo Sul global e contra-hegemónico.

ALTERNATIVAS E RESILIÊNCIAS A PARTIR DO SUL. DIÁLOGOS EMANCIPATÓRIOS DAS APRENDIZAGENS DE INTERVENÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO NA GUINÉ-BISSAU

MIGUEL DE BARROS

DIRETOR EXECUTIVO TINIGUENA - “ESTA TERRA É NOSSA”

RESUMO

Em que medida as modalidades de mobilização de recursos no âmbito da cooperação para o desenvolvimento favorecem a adopção e apropriação de dinâmicas que contribuem para a perenidade de processos de transformação social nos Estados institucionalmente frágeis? Se tomarmos em consideração os níveis de reflexividade das intervenções dos projetos inseridos na agenda da Ajuda Pública ao Desenvolvimento, será que os seus impactos concorrem para a superação da dependência e construção de resiliências endógenas? A presente comunicação visa ilustrar e debater as lições aprendidas durante os primeiros 20 anos da vigência democrática na Guiné-Bissau, face a acção dos actores externos numa perspectiva de relações de poder e produção do bem comum enquanto uma ética do desenvolvimento.

SESSÕES TEMÁTICAS

**PENSAR A UNIDADE EUROPEIA (18 DE JUNHO, 14H00-15H30) –
SALA DE ATOS DO ICS**

«MAKING SENSE OF EUROPEAN HISTORICAL THINKING» – O DEBATE CONTEMPORÂNEO

**JOANA DUARTE BERNARDES, FRANCISCO AZEVEDO
MENDES & FÁTIMA MOURA FERREIRA**

*CENTRO DE HISTÓRIA DA SOCIEDADE E DA CULTURA, DA FACULDADE DE LETRAS DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA / PROFESSOR AUXILIAR DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DO MINHO. INVESTIGADOR
INTEGRADO DO LABORATÓRIO DE PAISAGENS, PATRIMÓNIO E TERRITÓRIO (LAB2PT)
/ PROFESSORA AUXILIAR DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DO INSTITUTO DE
CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DO MINHO. INVESTIGADORA INTEGRADA
DO LABORATÓRIO DE PAISAGENS, PATRIMÓNIO E TERRITÓRIO (LAB2PT)).*

RESUMO

Em 2002, a editora Berghahn publicou um livro coletivo intitulado *Western Historical Thinking: An Intercultural Debate*, organizado pelo historiador alemão Jörn Rüsen – o primeiro livro de uma coleção intitulada «Making sense of History». Aí, o historiador britânico Peter Burke apresentou a um conjunto internacional de historiadores as suas 10 teses sobre a especificidade do pensamento histórico ocidental. O livro constituiu, à época, um marco na discussão intercontinental sobre a história. Partindo da análise da rede argumentativa dessa discussão, a comunicação pretende contribuir para a reconstrução dos programas historiográficos transnacionais e globais em torno da identidade europeia. A deteção desses programas, o estudo das suas filiações e motivações, a ponderação dos seus resultados, o cálculo do respetivo horizonte de possibilidades e bloqueios e a filtragem dos sentimentos de crise constituirão matéria para, no final, propor uma atualização crítica sobre os lugares e a intencionalidade da história no debate contemporâneo sobre a Europa no Mundo e o Mundo na Europa.

PALAVRAS-CHAVE:

Historiografia, Crise, Identidade, Europa

DA PROMESSA DE «PAZ PERPÉTUA» AOS CONFLITOS SEM FRONTEIRAS

LUÍS CUNHA

CRIA-UMINHO

RESUMO

Em 1795, entusiasmado pelas promessas nascidas na Revolução Francesa, Immanuel Kant dissertou sobre as condições necessárias à implantação de um estado de paz perpétua na Europa, que seria depois extensível a todo o planeta. Mais de dois séculos passados, é fácil olhar a sua proposta como expressão de um otimismo ingénuo e sem qualquer fundamentação. O que o presente nos oferece é, em muitos aspetos, o oposto do previsto e desejado no opúsculo de Kant. Desta forma, torna-se possível confrontar as promessas de uma razão conciliadora, promotora de igualdade e de cidadania integral, com a realidade presente, na qual parece prevalecer aquilo a que poderíamos chamar «racionalidade instrumental», em boa medida importada de um modelo teórico que se tornou hegemónico na economia política. Este confronto entre ideal e real permite-nos, também, discutir a genealogia mais ou menos remota da crise, desde o modo como a Teoria Crítica olhou a sociedade industrial à emergência do pensamento neoliberal, com base no qual se desconstrói o welfare state, que durante algumas décadas permaneceu como o veículo capaz de assegurar um efetivo equilíbrio social. Finalmente, ainda na senda do pensamento de Kant, que imaginava um federalismo de estados livres, propomo-nos pensar as escalas contemporâneas de exercício político e de cidadania, analisando o espartilhamento, às vezes conflituoso, entre a escala supra nacional e a nação, e entre esta e a comunidade local.

PALAVRAS-CHAVE

Cidadania, Neoliberalismo, Estado-nação, Comunidade Local

“TRANSCENDER A CULTURA: PODERÁ A EUROPA SER UM MODELO DE CONVIVÊNCIA ATRAVÉS DA DIFERENÇA?”

RITA HIMMEL

UNIVERSIDADES DE AVEIRO E DO MINHO - PROGRAMA DOUTORAL EM ESTUDOS CULTURAIS

RESUMO

É frequente ouvir-se teóricos e opinion makers defender que a Europa, mais concretamente a União Europeia, deveria ser vista como um potencial paradigma a nível global, de uma comunidade pós-nacional baseada num modelo de convivência pacífica através da diferença, da *allgemeine Vereinigung der Menschheit*, de Immanuel Kant. Uma união cuja riqueza e potencial de prosperidade reside exactamente na sua diversidade.

Todavia, eventos recentes demonstram o crescimento de um sentimento de contestação da diferença (tal como o movimento Pegida contra requerentes de asilo e refugiados na Alemanha, ou movimentos de extrema-direita em França, que muitos preveem que aumente ainda mais com o ataque à revista Charlie Hebdo, e mesmo um recorrente distanciamento discursivo entre Estados-Membros). Estamos, actualmente, a experienciar um momento em que o modelo ideal de uma sociedade capaz de “thriving-through-variety” (Bauman, 2013) parece contrastar com uma realidade em que actos de contestação da diferença se tornam cada vez mais frequentes.

Esta comunicação pretende ser uma reflexão acerca da possibilidade desta incapacidade de concretizar um modelo de sociedade cosmopolita/transcultural existir, mais do que por falta de vontade política, devido a uma concepção de cultura nacional que, pela sua própria natureza, impossibilita a criação do tal modelo idealizado.

Esta reflexão será feita através da análise da ideia de Zygmunt Bauman da Europa como uma potencial referência global, e contrastando esta mesma análise com os enquadramentos teóricos acerca de sociedades baseadas nesse modelo de diversidade, como *Cosmopolitan Society* de Ulrich Beck e *Transculturality* de Wolfgang Welsch. Pretende-se desenvolver a ideia de que a prosperidade através da diferença apenas pode ser atingida se o actual conceito de cultura, e culturas nacionais, for ultrapassado. Breves considerações serão também tecidas acerca de eventuais perniciosidades deste modelo que, apesar de baseado na diversidade e diferença, pode ser visto como eurocêntrico.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura, Cosmopolitismo, Transculturalismo, Europa

A(S) CRISE(S) E A(S) IDENTIDADE(S). A GLOBALIZAÇÃO, A PERDA DE SOBERANIA DOS ESTADOS E A EMERGÊNCIA DOS PATRIOTISMOS. A TENTATIVA DA RECUPERAÇÃO DA 'PORTUGALIDADE'

VÍTOR DE SOUSA

CECS-UMINHO

RESUMO

A crise, que ganhou lastro com a falência da ideia de unidade e através da globalização, pontua a vida social. A sua generalização, patente na tendência para ser declinada no plural, parece tê-la 'naturalizado'. Nesse contexto, qual o recorte comportamental do cidadão perante a fragmentação do tempo decorrente da incerteza, incrementada desde os anos 60 do séc. XX (Robertson, 1997)? Que identidade emerge, assim, em tempo de ruturas sociais? Da identidade definida, passou-se à identidade não tipificada, deslocada da ideia centrada em 'nós' próprios, trazendo ao de cima a sua volubilidade (Ribeiro, 2011). Nesta crise de paradigmas (Martins, 2011) o plano identitário integra um processo mais amplo de mudança que abala os quadros de referência que antes pareciam dar aos indivíduos uma certa estabilidade (Hall, 1992), já que as ideias preconcebidas sobre si próprio, sobre o outro e sobre o mundo são postas em causa (Dubar, 2011).

E, muito embora a globalização relativize as influências dos estados (Giddens, 1999) e a sua própria soberania, em tempo de crise emergem os apelos ao patriotismo. É o que acontece no caso português que, apesar de o país estar sob assistência económica externa, vê os responsáveis políticos a assumirem, transversalmente, posições com um recorte 'nacional' sublinhado; o mesmo acontece com muitos eventos ligados ao *branding*, que recuperam a ideia estadonovista de 'portugalidade', em contraciclo com a realidade vivenciada. Philippe C. Schmitter (2013) alerta para uma combinação de fatores que poderão levar a um neocorporativismo, especialmente em países europeus de pequena dimensão e internacionalmente vulneráveis, como é o caso de Portugal. Zygmunt Bauman (2013) realça o divórcio existente entre o poder e a política sem que ainda tenha nascido uma alternativa, o que pode explicar a perspetiva de Edgar Morin (2010), que observa que a ideia de futuro é marcada pela incerteza.

PALAVRAS-CHAVE

Identidade, Crise, Globalização, Estado, Patriotismo

CRISE E POLÍTICA DA MORAL: A EUROPA NOS SEUS RESENTIMENTOS

RITA RIBEIRO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS/CECS - UNIVERSIDADE DO MINHO

RESUMO

Quando tudo parecia correr bem, quando sucessivos alargamentos e uma evidente ambição federalista das políticas auguravam o avigoramento do projecto de unificação da Europa, a crise financeira de 2008 revelou as fissuras da união e revolveu feridas que ameaçam toldar as narrativas da europeização. A história recente do continente europeu foi a história da domesticação dos seus nacionalismos através da unificação política e económica protagonizada pela União Europeia. Nesse processo elidiram-se fronteiras e constituiu-se o que pode hoje ser descrita como uma sociedade europeia, onde se declinam pertenças múltiplas potenciadas pela intensificação da mobilidade intra-europeia e pelo enfraquecimento do Estado-nação, acompanhado de políticas de produção de identidade e cultura comuns, ainda que não homogéneas ou unificadas. A mitificação da Europa unida colapsou quando, nas sucessivas fases da crise, emergiram, na esfera pública e não apenas nos corredores oblíquos do poder, as antinomias do projecto europeu e os ressentimentos larvares que a história tumultuosa do continente legou ao tempo presente. Neste contexto, torna-se urgente discutir a matriz axiológica e moralizadora da política europeia contemporânea e questionar a manifesta contradição entre os valores políticos e sociais fundadores da UE e as actuais lógicas imperativas que submetem a política à economia, incitam as desigualdades sociais, inibem o exercício da cidadania, ignoram a vontade dos cidadãos e hierarquizam povos e Estados. Perante a crise eminentemente política que a Europa vive, devemos, enfim, perguntar-nos se a erupção dos ressentimentos europeus pode desencadear fenómenos catárticos e transformadores e se as ideias que nos têm acompanhado na reflexão sobre a identidade europeia são ainda proficientes ou se necessitamos de uma revisão crítica dos instrumentos teóricos e conceptuais.

PALAVRAS-CHAVE

Crise, Identidade Europeia, Valores Europeus, Política da Moral

FRONTEIRAS E RELAÇÕES EXTERNAS NA EUROPA (18 DE JUNHO, 14H00-15H30) – ANFITEATRO DO IE

EUROPE'S STEADY STATE

LUÍS BEATO NUNES

SCHOOL OF ECONOMICS AND MANAGEMENT OF THE UNIVERSITY OF MINHO, PORTUGAL

ABSTRACT

Since the 1950's that Europe has embraced a path of convergence, particularly motivated by an urgent need to avoid the auto destructive national tendencies of the first half of the 20th century. A need for cooperation and integration was especially evident for continental Europe and, thus, France and Germany initiated an economic integration which intended to enhance the competitiveness of both economies.

At the same time, the UK promoted the creation of EFTA, a less ambitious free trade agreement representing a smaller market compared to the continental EEC. In the 1970's EFTA lost its relevance as the UK joined the EEC and in 1979 as the European ambition of further integration became evident with the European Monetary System (EMS).

However, it was not until the beginning of the 1990's that the EU prepared a detailed road map towards an actual monetary union, which is nowadays strongly criticized due to the rigid compromises that imposes to all member states. The present economic circumstances and political scenario seem to be the best possible convergence Europe will experiment in the next couple of decades.

This paper attempts at analyzing the current challenges to the current monotonous steady state, and discuss possible solution towards political integration involving, perhaps, a more effective supranational fiscal policy in order to balance the monetary policy already common to the *Eurozone* member states.

KEYWORDS

European Economic Integration, *Eurozone*, European Fiscal Policy, EU Institutions

A UNIÃO EUROPEIA E O ÁRTICO: DESAFIOS PARA A SEGURANÇA MARÍTIMA

ANDRÉ SANTOS E MÁRCIA PINTO

*UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA, Mestrado em Cooperação
Internacional e Desenvolvimento)*

RESUMO

As alterações climáticas têm levantado vários problemas relacionados com a geopolítica a nível global. Uma das questões mais debatidas dentro desta temática tem sido o degelo do Ártico e as suas consequências a nível ambiental, económico e securitário. Este trabalho tem como objectivo compreender as consequências deste fenómeno a nível de segurança marítima, mais especificamente para a União Europeia (UE). Num primeiro plano, é analisado o que está a acontecer na região do Ártico e as suas implicações para a UE; deixa-se para a segunda parte a análise da posição da União Europeia para a Segurança Marítima (nomeadamente a Estratégia da União Europeia para a Segurança Marítima - EUMSS), e a análise das conclusões do Parlamento e do Conselho da UE relativamente ao desenvolvimento de políticas europeias no Ártico.

Este tema é de grande importância, pois o degelo do Ártico coloca cada vez mais desafios à UE e seus Estados-Membros, tais como a abertura de novas rotas marítimas, o aumento de turismo e da exploração de recursos naturais, o aumento dos actores internacionais presentes, sejam estes Estados, organizações internacionais ou multinacionais.

Para a realização deste trabalho foram analisados bibliografia sobre questões geopolíticas no Ártico, bibliografia sobre segurança marítima e documentos oficiais da UE, procurando compreender a forma como a UE se tem vindo a posicionar face aos acontecimentos em causa.

Conclui-se que a estratégia europeia em relação ao Ártico procura proteger e preservar a região em cooperação com os restantes actores presentes na região, promovendo o uso sustentável dos recursos, de modo a atenuar os efeitos das alterações climáticas.

PALAVRAS-CHAVE:

EU, Ártico, Geopolítica, Alterações Climáticas

EUROPA “REGRESSA” AO ATLÂNTICO

JOSÉ PALMEIRA

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA –CICP, UNIVERSIDADE DO MINHO

RESUMO

A política europeia está de regresso ao Atlântico. A União Europeia (UE) aprovou, em 2007, a Política Marítima Integrada Europeia, sob proposta da Comissão Barroso, recentrando uma UE que nos últimos alargamentos se voltara a Este. Entretanto, UE e Estados Unidos da América iniciam a negociação de uma parceria transatlântica de comércio e investimento (TTIP -*Transatlantic Trade and Investment Partnership*), que tem uma réplica UE-Canadá, projeto já apelidado de “NATO económica”. Eis se não quando a Rússia anexa a Crimeia e a guerra civil na Ucrânia ressuscita a geopolítica e a verdadeira NATO (Organização do Tratado do Atlântico Norte) recupera a sua importância geoestratégica. O Atlântico, ultrapassado pelo Pacífico em termos de relevância político-económica, face à emergência da China como ator global, é de novo o centro das atenções. Membro fundador da NATO (1949) e Estado membro da UE (1986), quais as potencialidades e vulnerabilidades de Portugal neste novo cenário geopolítico e estratégico que tem a Europa no seu epicentro?

PALAVRAS-CHAVE

Atlântico, UE, NATO, Portugal

O MITO DA EUROPA SOCIAL. ANTINOMIAS POLÍTICAS ENTRE O PLANO SOCIAL E A ARQUITETURA ECONÓMICA E FINANCEIRA DA AGENDA EUROPEIA

HENRIQUE RAMALHO

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO – INSTITUTO POLITÉCNICO DE VISEU

RESUMO

Tendo como referência metodológica a análise dos principais documentos que têm suportado as políticas oficiais da União Europeia, encetamos um exercício de cotejo ao estado atual da União em matéria social, propriamente em torno de um extraordinário paradoxo no que concerne à matriz de desenvolvimento do espaço europeu: por um lado, temos uma Europa que seduz os cidadãos com uma alegada vocação social em prol do princípio da solidariedade entre estados membros; por outro, não se desvincula da sua matriz

fundadora de natureza económica e financeira. Dessa relação paradoxal, interessa compreender os diferentes momentos e processos de definição das principais políticas da União, perante o desafio de ter que lidar com duas lógicas de desenvolvimento diferentes e antagónicas entre si. Podendo tal relação paradoxal ser sintetizada em antinomias políticas entre o plano social e a arquitetura económica e financeira do espaço europeu, interessa-nos dirimir o resultado desta tensão. Pela configuração das relações de poder instituídas, a tendência será para que a vocação social seja reprimida pelo ímpeto do crescimento económico e pelas prerrogativas associadas ao índice pragmático do equilíbrio orçamental de condição obrigatória para os estados membros que o subscrevam em sede de tratado. Concludentemente, as incompatibilidades resultantes daquelas antinomias políticas começam a surgir com algum grau de insolubilidade. É disso exemplo, no quadro de uma agenda assumidamente neoliberal, o facto de as políticas económicas e orçamentais da União suscitarem um menor proteccionismo laboral ao nível da estabilidade no emprego e salários, das condições de trabalho, dos modelos e mecanismos de contrato de trabalho e da segurança social adjacente, não obstante o repositório de princípios comunitários em matéria social instituídos, por exemplo, pelo Ato Único Europeu, pelo Protocolo de Política Social Anexo ao Tratado de Maastricht, pelo Tratado de Amesterdão e pela Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia.

PALAVRAS-CHAVE

Europa Social, Antinomias Políticas, Matriz de Desenvolvimento do Espaço Europeu, Agenda Neoliberal Europeia

O OUTRO NA EUROPA E A EUROPA OUTRA (18 DE JUNHO, 16H00-17H30) – SALA DE ATOS DO ICS

O RETORNO DA EXCEPÇÃO BANALIZADA

ISABEL ESTRADA CARVALHAIS

CICP/EEG - UNIVERSIDADE DO MINHO

RESUMO

Esta comunicação sugere, de forma exploratória, a importância de reflectir sobre a praxis política e social que, na Europa e no actual cenário de profunda crise e inquietação, estará a contribuir para uma regressão da marcha da cidadania tanto nas suas propostas pós-nacionais (que pareciam emergir

em força nas últimas duas décadas), como nas estratégias de adaptação do seu paradigma nacional.

Para tanto, procurarei demonstrar como a banalização do acto excepcional apresentado como supostamente inadiável, inegociável e inevitável, emerge como comportamento recorrente dessa praxis que contribui para a degradação da cidadania, e como tal banalização se articula com dois perigos cimeiros e profundamente interligados: relativização do quadro axiomático orientador da acção política e reinvenção danosa da identidade colectiva pelo culto consentido da perda de memória (que pode também assumir a forma de discurso selectivo da História).

PALAVRAS-CHAVE:

Europa, Cidadania, Liberdade, Solidariedade, Democracia

**HISTÓRIA ORAL, IDENTIDADES E MEMÓRIA SOCIAL:
ENTREVISTAS AUTO-BIOGRÁFICAS A MIGRANTES**

ROSA CABECINHAS & LUÍS CUNHA

CECS-UMINHO / CRIA-UMINHO

RESUMO

No âmbito de um projeto de investigação transdisciplinar que visa examinar as interligações entre as dinâmicas identitárias e a memória social, foram realizadas várias dezenas de entrevistas auto-biográficas a pessoas com experiência migratória. A pesquisa empírica foi orientada pelos seguintes objetivos: analisar as reconfigurações identitárias em contexto migratório (auto-conceitos, identidades sociais) e os estereótipos sociais sobre os migrantes ou ex-migrantes; examinar o impacto das trajetórias pessoais nas memórias auto-biográficas e nas memórias colectivas; analisar o papel dos (novos) media nos processos de integração dos migrantes no país de acolhimento e no contacto com o país de origem. Nesta comunicação iremos discutir as potencialidades metodológicas das entrevistas auto-biográficas para o estudo da história oral. Iremos igualmente analisar as ambiguidades e as contradições presentes nas narrativas que estruturam a experiência identitária em contexto migratório. Finalmente, iremos discutir de que modo a experiência migratória se inscreve, ela própria, numa visão do mundo, da Europa e da nação.

PALAVRAS-CHAVE:

Identidade Social, Memória Social, História Oral, Migração

IDENTIDADE EUROPEIA E A PROTEÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL, RELIGIOSA E LINGUÍSTICA NA UE

PATRÍCIA JERÓNIMO

ESCOLA DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DO MINHO

RESUMO

A diversidade constitui uma característica intrínseca da construção europeia e também um seu princípio fundamental. Nascida do concerto de Estados muito diferentes e ciosos das respectivas identidades nacionais, a União Europeia (UE) não se propõe eliminar a diversidade das culturas e das tradições dos povos da Europa em nome de uma “união cada vez mais estreita” ou de valores comuns, ainda que os esforços envidados para promover a “identidade europeia” possam sugerir o contrário. Como se lê no Preâmbulo da Carta dos Direitos Fundamentais da UE, a União contribui para o desenvolvimento de valores comuns aos povos da Europa, “no respeito pela diversidade das culturas e das tradições” destes povos, bem como das identidades nacionais dos Estados-Membros. Em lugar de pretender ser uma única cultura, a Europa apresenta-se como um mosaico de diferentes culturas, uma “cultura de culturas”, combinadas para formar um todo que é maior do que a soma das suas partes. Expressão deste compromisso é a afirmação, no artigo 22.º da Carta dos Direitos Fundamentais, de que a União respeita a diversidade cultural, religiosa e linguística. Propomo-nos discutir o alcance deste preceito e o modo como este se articula com as políticas e as medidas legislativas que têm vindo a ser adoptadas no âmbito da UE para lidar com a diversidade cultural, religiosa e linguística na Europa, sobretudo a resultante da imigração dita “extra-comunitária”.

PALAVRAS-CHAVE

Diversidade, Cultura, Minorias, Imigração

IDENTIDADE EUROPEIA EM CONSTANTE MUDANÇA: OS EVENTOS HISTÓRICOS DE 1989/1991 E O SEU REFLEXO NA ACTUALIDADE

ÁLVARO CÚRIA

UNIVERSIDADE DO PORTO/UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA - INSTITUTO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA, BOLSEIRO DE DOUTORAMENTO DA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA

RESUMO

O objetivo desta apresentação é o de analisar o posicionamento de um determinado número de investigadores sobre o que aconteceu na Europa de Leste nos anos de 1989/1991 e de que forma esses eventos se refletem na atual relação de forças entre os países europeus e da Europa com o mundo. A deposição dos, assim chamados, governos socialistas de Leste, a *Perestroika* de Gorbatchov na URSS e o desmantelamento do sistema soviético, com todos os eventos históricos que para isso contribuíram, deram origem às mais diversas interpretações e têm, 25 anos depois, uma influência determinante na atual (re)composição do continente.

A força das imagens transmitidas em direto pela televisão, como os episódios conducentes à *Queda do Muro de Berlim*, as páginas dos jornais e revistas preenchidas dia após dia com os acontecimentos nos países do Leste, contribuíram para o fortalecimento de um paradigma de mudança. Não só política, como social, cultural e, inclusivamente, geográfica e histórica.

A nossa análise orienta-se através de dois grupos principais de interpretações: uma perspetiva anticomunista, imediata, cuja visão sobre os acontecimentos é puramente política, promovendo a ideia de sociedades libertadas de um jugo totalitário; e, por outro lado, uma série de autores mais recentes, que conduzem estudos plurais e transdisciplinares que levam a uma observação mais consistente sobre a mudança.

Estudamos autores com uma vasta gama de posicionamentos, como Michel Dreyfus, Marc Ferro, François Fejtö, Moshe Lewin, Carlos Taibo Stéphan Curtois ou Nicolas Werth, juntamente com outros historiadores como Eric Hobsbawm, Adriano Guerra, Anna Bosco ou Archie Brown.

Começamos com uma pergunta orientadora: quais são as interpretações que subsistem sobre 1989/1991? E quais os seus ecos na atualidade?

Atualmente, um posicionamento responsável e ponderado ganha, dentro da investigação histórica e cultural, proeminência sobre uma visão estrita ao imediatismo dos factos, deixando de lado as interpretações mais radicais. O debate sobre estes acontecimentos, passados 25 anos contribui, definitivamente, para o seu enquadramento numa década de mudança e para a reflexão sobre a memória e a identidade europeia contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Revoluções de 1989, Identidade Europeia, Mudança, Interpretações sobre os Eventos de 1989/1991

TERRITÓRIO E PARTICIPAÇÃO: LEITURAS CRÍTICAS (18 DE JUNHO, 16H00-17H30) – ANFITEATRO DO IE

CONHECER A INTERVENÇÃO HUMANA NO TERRITÓRIO E EXECUTAR UM FUTURO: A CONSULTORIA HISTÓRICA DA PAISAGEM COMO FERRAMENTA OPERATIVA

CRISTINA JOANAZ DE MELO

IHC-FCSH-UNL

RESUMO

O objectivo desta comunicação é refletir sobre a forma como a combinação da análise histórica da evolução de impactos da intervenção humana na paisagem com um projecto humanista ambiental (Monasinghe) contribuem para a reversão de percursos de degradação do meio ambiente a curto, médio e longo prazo.

As tipologias discursivas sobre a destruição da Natureza, criadas no final do século XIX e perpetuadas até à actualidade, são actualmente confrontadas com outras perspectivas. Aquelas, compreensivelmente, foram enunciadas em pleno fervor Darwinista por geógrafos ocidentais como Marsh, Humboldt e Ritter (1860s-1870s), maravilhados com o resto do mundo *em estádios naturais* que, os próprios, equiparam a paisagens pristinas; ideia duradoira que viria a desembocar numa cruzada contra os culpados da destruição de paraísos originais, como se a Natureza não fosse, por definição, dinâmica! Actualmente, e noutra linha de debate, alguns “ambientalistas” largaram as trincheiras de acusação sobre a destruição da natureza e propõem encontrar soluções positivas na fruição, exploração e transformação do meio; exclui-se desta proposta a homogeneização ideológica - ecológicoambiental. Preocupando-se com a inclusão, participação e responsabilização individual na solidariedade humana como veículo privilegiado de exigência na acção cívica e política (Mohan Monasinghe), o debate ambiental ultrapassa o conceito de sustentabilidade (equilíbrio investimento-resultados ambientais e económicos), promovendo condições de “trust building” ao investimento mas no garante do respeito pelo ADN cultural e civilizacional de diferentes regiões. Nesta acção, o legado histórico da paisagem, mais que qualquer outro indicador, testemunha sucessos (florestação de montanhas e canalização de rios, por exemplo) e insucessos de intervenção humana nos territórios. A ferramenta consultoria histórico-ambiental é já uma realidade na UNESCO e em Directivas Europeias, pelo menos, desde 1992. O desafio actual é utilizá-la para viabilizar sucessos no futuro.

PALAVRAS-CHAVE

Ambiente, Paisagem, Território, “Trust Building”

PARTICIPAÇÃO PÚBLICA NA CIÊNCIA NO CONTEXTO EUROPEU: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE PORTUGAL, ESPANHA, REINO UNIDO E DINAMARCA

LILIANA OLIVEIRA & ANABELA CARVALHO

CECS-UMINHO/ECYT – UNIVERSIDAD DE SALAMANCA / CECS-UMINHO

RESUMO

A União Europeia assumiu, desde a sua criação, o compromisso de incrementar a participação cidadã nos processos regulatórios. Sob tutela da administração europeia têm sido vários os mecanismos instituídos para intermediar as relações entre a sociedade, a ciência e os decisores. No entanto, os vários contextos europeus ainda são bastante heterogêneos, existindo diferenças substanciais no envolvimento do público, principalmente entre o Norte e o Sul da Europa (Felt, 2003; European Commission, 2010, 2011, 2012, 2014a, 2014b; Hagendijk & Irwin, 2006).

Com base em vários relatórios e literatura produzida sobre a temática, realiza-se uma análise comparativa entre dois países do Sul da Europa – Portugal e Espanha – e dois países do Norte da Europa – Reino Unido e Dinamarca – com o objetivo de identificar diferenças e semelhanças relativamente aos mecanismos utilizados para promover a participação pública na ciência, os papéis da sociedade, dos decisores políticos e da comunidade científica na sua promoção, as relações estabelecidas entre os vários agentes sociais e o impacto dessas ações. A partir desta análise reflete-se sobre algumas atividades desenvolvidas com sucesso no Reino Unido e na Dinamarca e que poderiam vir a ser desenvolvidas em Portugal e em Espanha para colmatar os constrangimentos que aqui têm impedido uma participação pública mais efetiva, tendo em consideração que estas muito dependem dos contextos socioculturais, económicos e políticos (Miller *et al.*, 2002; Sciencewise, 2011). Uma análise preliminar indica que no Reino Unido e na Dinamarca, países com uma participação pública mais efetiva, verifica-se uma cultura consolidada de participação cívica, o nível de literacia científica dos cidadãos é superior, assim como o seu grau de interesse pela C&T, e nota-se uma perceção mais favorável dos decisores em relação ao envolvimento cidadão no processo de tomada de decisões. A comunidade científica parece estar mais disponível para a comunicação de ciência, existindo uma grande variedade de mecanismos participativos.

PALAVRAS-CHAVE

Participação Cidadã na Ciência, Europa, Envolvimento Público na Ciência

INSTITUCIONES LOCALES 2.0. ANÁLISIS DE LA PRESENCIA DE LOS AYUNTAMIENTOS DE LA EURORREGIÓN GALICIA-NORTE DE PORTUGAL EN LAS PLATAFORMAS SOCIALES

**XABIER MARTÍNEZ ROLÁN, TERESA PIÑEIRO-OTERO
& DAVID CALDEVILLA-DOMINGUEZ**

*UNIVERSIDADE DE VIGO / UNIVERSIDADE DA CORUÑA /
UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID*

RESUMEN

La transparencia en la gestión de los recursos públicos y en la comunicación de la instituciones con sus diversos públicos constituye una vieja demanda de la ciudadanía. Gracias a la penetración de Internet y el desarrollo de la Web 2.0 y el impacto de las redes sociales en la sociedad, esta demanda ha sido incorporada en las últimas reformas administrativas.

La llamada Administración electrónica o e-Government tiene entre sus principales cometidos la transparencia, un elemento clave de la nueva relación entre gobierno y sociedad (Castells, 2000).

Más allá de las páginas de las instituciones de gobierno local, el carácter interactivo de los social media les dota de un valor único para la comunicación e interacción entre responsables municipales y ciudadanía. Más allá de sus potencial interactivo, la presencia de los gobiernos locales en redes sociales como Facebook constituye una oportunidad desde la perspectiva del acceso. Una cuestión que convierte a estas plataformas sociales en uno de los principales indicadores para valorar la transparencia municipal.

En este sentido, el objeto del presente trabajo ha sido el de efectuar un análisis en torno al uso y apropiación de las principales plataformas de social media por los principales ayuntamientos -atendiendo a su población- de la Eurorregión Galicia-Norte de Portugal.

PALABRAS-CLAVES

Social Media, Administración Electrónica, E-government, Comunicación Institucional, Medios Sociales

MEDIAÇÃO PARENTAL NO USO DE TECNOLOGIAS POR CRIANÇAS: PARADOXOS DA IMPOSIÇÃO DE RESTRIÇÕES

ANA FRANCISCA MONTEIRO & ANTÓNIO JOSÉ OSÓRIO

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO-CIED, UNIVERSIDADE DO MINHO

RESUMO

Com base num estudo etnográfico com crianças acerca da utilização informal de tecnologias digitais, este texto explora os paradoxos da imposição de normas de segurança que restringem o acesso e autonomia *online* das crianças. No contexto europeu, Portugal destaca-se como um dos países onde pais e instituições educativas privilegiam, por questões de segurança, uma mediação restritiva do uso de tecnologias por crianças, isto é, uma abordagem focada na tentativa de limitar a exposição de crianças ao risco, por via da proibição de práticas ou do acesso a ferramentas específicas, consideradas em si mesmas perigosas. Neste contexto, apresenta-se uma análise da perspetiva das próprias crianças acerca das suas práticas digitais, focando as contradições que emergem da imposição deste tipo de restrições, em termos de segurança, de acesso a oportunidades e do relacionamento intergeracional. Sem deixar de reconhecer a imperatividade de conhecer e combater os riscos que o uso de tecnologias pode representar, nas suas várias frentes (ex: conteúdos, contactos, comportamentos, designs de interação humano-computador, educação, prevenção, regulamentação, investigação), esta análise alerta para o papel das tecnologias digitais enquanto ferramentas indispensáveis ao desenvolvimento de competências sociais e culturais. Num plano abrangente e considerando tanto a progressiva ubiquidade tecnológica, como a organização dos espaços digitais enquanto arenas socio-culturais, esta análise discute o lugar da infância e da criança no contexto das transformações que atravessam a Europa. Destaca-se, em particular, a forma como estão aqui espelhadas, também de forma paradoxal, as representações modernas da criança-cidadão, sujeito de direitos, entre eles o de participação, e da criança-vítima, vulnerável e com necessidades cada vez mais prementes de protecção.

PALAVRAS-CHAVE

Crianças, Tecnologias, Segurança, Mediação Parental

(P)ARTE CONSTITUINTE, (P)ARTE EM MUTAÇÃO (18 DE JUNHO, 17H45-19H15) – SALA DE ATOS DO ICS

A ESFERA DA ARQUITECTURA PORTUGUESA (1481-1557): ENTRE O CENTRO E A CIRCUNFERÊNCIA. DIFUSIONISMO, ISOLACIONISMO E CONFLUÊNCIA NA MODELAÇÃO HISTORIOGRÁFICA (SÉCULOS XIX-XXI)

LUÍSA FRANÇA LUZIO

DOUTORANDA EM HISTÓRIA DA ARTE/HISTÓRIA DA ARTE MODERNA -
ARQUITECTURA E URBANISMO, UNL-FCSH. MEMBRO DO IHA / UNL-FCSH

RESUMO

A arquitectura portuguesa dos reinados de D. João II, D. Manuel e D. João III - período globalmente re-configurador de velhos e novos *limes* e, ela própria, matéria então constituinte de recuperação e projecção - foi submetida desde o século XIX a conflitantes categorizações historiográficas. Produtos e produtoras das suas contemporaneidades particulares, tais categorias funcionam como *schemata*, conformando o legado arquitectónico pretérito e tornando-o passível de apropriação presente-futura. Situando a ligação entre obras e discursos em contexto nacional e internacional, ver-se-á como e quando (e porquê?) a historiografia da arquitectura oscilou entre o ímpeto de integrar tais produções portuguesas em léxicos internacionais coevos ou, pelo contrário, a urgência de as deles demarcar, aqui recorrendo à exaltação de uma linguagem (ou pronúncia) indubitavelmente nacional. Acantonado na medição de sincronias ou atrasos e similitudes ou discrepâncias formais, o legado historiográfico constituído até *circa* 1980 é pois dual, valorizando ciclicamente modelos difusionistas ou isolacionistas. Os primeiros, integrando a arquitectura portuguesa em categorias gerais, remetem-na no mesmo movimento para o lugar da periferia, mais ou menos passiva na adopção de modelos arquetípicos externamente geo-localizados (do “Renascimento Italiano” ao “Renascimento Português” passando pelo “Renascimento Italiano em Portugal”): um tracejado descontínuo na circunferência de um centro-outro. Nos segundos, a identificação de uma especificidade portuguesa caminha a par com o sublinhar da sua não conformidade formal face à dinâmica internacional, dela se excluindo qual fenómeno entrópico (“Estilo Manuelino”, “Arquitectura Portuguesa Chã”): em simultâneo centro e circunferência de si mesma. Factores endógenos e exógenos que importará destrinçar - das vicissitudes da História da Arte em Portugal como disciplina académica, à revisão internacional de grelhas analíticas estanques, passando por sucessivos cruzamentos transdisciplinares - têm vindo a dar lugar, nas últimas décadas, à possibilidade de confluência: da aceitação como objecto de arquitecturas preteridas (ou mesmo desconhecidas) até à valorização de

processos de hibridização. Cartografar hoje estas modalidades historiográficas e patrimoniais não respeita tanto a uma pontual revisão de literatura sobre um período ou um conjunto de objectos específicos, quanto ao seu reconhecimento como enformadoras da leitura de outras cronologias, outras geografias e outros objectos: difusionismo e isolacionismo, acompanhados por similitudes ou bastardias formais e um eterno descompasso temporal, poderiam ser igualmente palavras-chave na análise da fortuna e crítica de boa parte da (história da) arte portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE

Historiografia da Arquitectura, Isolacionismo, Difusionismo, Confluência

OS OBJECTOS ARTÍSTICOS E A INTEGRAÇÃO DA EPOPEIA MARÍTIMA PORTUGUESA NA IDENTIDADE CIVILIZACIONAL EUROPEIA: UMA REFLEXÃO TRANSDISCIPLINAR

INÊS CARVALHO MATOS

*DOCTORANDA DO PROGRAMA "PATRIMÓNIOS DE INFLUÊNCIA PORTUGUESA",
UNIVERSIDADE DE COIMBRA. MEMBRO DO CHAM/UNL-FCSH*

RESUMO

O estudo da arte namban em Portugal nasceu num contexto de integração europeia (primeiro lustro dos anos 80) mas ainda profundamente comprometido com a narrativa eufórica dos descobrimentos portugueses. Se, por um lado, a acção da comissão nacional para a comemoração dos descobrimentos portugueses fomentou a investigação cientificamente actualizada, por outro lado a impermeabilidade quanto aos estudos pós-coloniais não permitiu que se assumisse (e problematizasse) a própria "arte namban" como categoria. O estudo deste grupo heterogéneo de peças, e sobretudo a inclusão ou exclusão de itens na classificação formal de património cultural móvel (2006), abre portas para re-interpretar os objectivos implicados na produção de um discurso sobre os mesmos; discurso esse que ultrapassa largamente os próprios objectos expostos e os textos que sobre eles se redigem, estendendo-se para o campo da museologia, da cultura visual (através de arquétipos iconográficos) e até do cinema, artes gráficas e *branding*. Um pensamento transdisciplinar, intrinsecamente ligado à reflexão sobre as porosidade entre metodologias e disciplinas, acrescenta como vector prático a resolução de problemas quanto à capacidade de introspecção das sociedades, neste caso sobre a sua memória colectiva afectada à ideia de uma "presença portuguesa no oriente" (expressão consagrada pela história da expansão portuguesa). Longe de se tratar de uma questão relevante apenas durante as décadas de 80 e 90, a arte namban e, de modo geral, as peças

conotadas com os ditos descobrimentos portugueses (ou ibéricos) têm estado presentes na reflexão sobre as macro-categorias da história mundial até ao presente. A primeira modernidade passou a ser considerada como a primeira globalização, os artefactos híbridos revestiram-se de leituras de transculturalidade, des-convencionalizando portanto a carga nacionalista da epopeia marítima portuguesa de modo a facilitar a sua integração no projecto europeu de civilização à escala global.

PALAVRAS CHAVE

Arte-Namban, Identidade, Memória, Cultura-Visual (Visual Culture)

MUNDOS CONFLUENTES - PERCEPÇÕES SOBRE ARTE AFRICANA CONTEMPORÂNEA NO OCIDENTE

CELSO MARTINS

DOCENTE NA ESAD.CR. CRÍTICO DE ARTE

RESUMO

Ainda que a primeira fase da globalização tenha ocorrido há mais de 500 anos com a expansão portuguesa e espanhola, as relações entre o ocidente e o antigo mundo colonial só se tornaram aproximadamente paritárias do ponto de vista político e económico na II metade do século XX com o evento das descolonizações a partir dos anos 50; com a emergência, primeiro dos grandes potentados económicos asiáticos, Japão e Coreia do Sul nos anos 80, e bem mais recentemente com a chegada da China e do Brasil ao estatuto de potências de primeira linha ou de países como Angola ao estado de potência regional com interesses neo-coloniais em Portugal e na Europa. O objectivo desta comunicação é lançar algumas pistas de reflexão sobre o impacto destas transformações e reconfigurações na produção artística de algumas dessas nações e, sobretudo, entender o que mudou no modo como essa produção simbólica é percebida no ocidente e que impacto a visibilidade recente da arte africana encontrou no campo da chamada arte contemporânea mundial. Limitar-nos-emos ao caso africano, já de si extenso e variado, como modelo histórico específico de colonização e descolonização, não replicável em qualquer outro contexto. Para tal examinaremos, também, o efeito destas transformações na própria natureza da arte produzida hoje no continente africano que passou a fazer-se no contexto de narrativas ou nacionais ou regionais e que abandonou definitivamente estatutos não autorais como o de “arte/artesanato africano” para ser capaz de exportar discursos singularizados de artistas que não podem nem devem ser encarados apenas da perspectiva da valorização da sua origem e que participam nas mais recentes dinâmicas de globalização. Finalmente, importa

tentar entender que espécie de *diferença* a arte oriunda desses lugares ainda periféricos do campo internacional foi capaz de criar e qual a natureza dessa *diferença*. Ou seja, se, por ex., a arte produzida em África se constitui apenas como derivação temática dos mesmos modos de fazer arte que a Europa e a América do Norte instituíram; ou se, pelo contrário, ela se constitui como uma verdadeira interpelação à ideia contemporânea de arte, à sua narrativa central e ao seu ethos fundamental.

PALAVRAS-CHAVE

África, Representação, História, Arte Contemporânea

ARTES VISUAIS E IDENTIDADE (18 DE JUNHO, 17H45-19H15) – ANFITEATRO DO IE

CONTRIBUTOS PARA UMA REFLEXÃO SOBRE O CINEMA PÓS-COLONIAL PORTUGUÊS

ANA CRISTINA PEREIRA & ROSA CABECINHAS

CECS - UNIVERSIDADE DO MINHO/ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTE
- UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE / CECS-UMINHO

RESUMO

A temática e a gramática pós-colonial chegam ao cinema português timidamente a partir da última década do século XX. A independência das colónias portuguesas em África aconteceu tardiamente e o cinema feito em Portugal, durante os anos que se seguiram à descolonização, esteve mergulhado numa certa herança europeia ao mesmo tempo que procurava repensar a identidade nacional a partir de dentro, mais do que na relação com o outro/ os outros. Este processo interno dificultou e atrasou a reflexão séria sobre as consequências do colonialismo em geral, e em particular sobre a forma como os estereótipos “raciais” construídos durante o período colonial continuam a ser disseminados na sociedade atual e a estruturar as relações sociais. Por outro lado, mesmo depois da descolonização e da democratização do país, o cinema português teve, muitas vezes, uma relação difícil com o público e, talvez ao contrário das expectativas de alguns, também com os poderes político e económico. Este aspeto tem limitado a sua capacidade de produção em quantidade e também em diversidade. Assim, no período que imediatamente sucede a descolonização, é muito esporádica a produção de filmes sobre o passado colonial dos portugueses em África e apenas

nos anos 90 essa reflexão se torna mais presente, sendo ainda da mesma década as primeiras personagens negras do cinema português. Nos nossos dias, uma nova geração de cineastas questiona a sociedade deste país que conquistou a democracia, sem derramamento de sangue, mas depois de uma longa história colonial.

Este trabalho procura pensar o percurso do cinema pós-colonial português de modo a perceber as suas contingências e linhas de força e, sobretudo, pretende ajudar a compreender como no cinema se tem refletido a relação entre portugueses e africanos das ex-colónias e qual o contributo que a sétima arte tem dado para o desenvolvimento desta relação.

PALAVRAS-CHAVE

Cinema Português, Colonialismo, Pós-colonialismo, Estereótipos Raciais

A RELAÇÃO ENTRE PORTUGAL E BRASIL NA COPRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA. POLÍTICAS, EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS

FLÁVIA ROCHA

DOUTORANDA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASIL, DA LINHA DE PESQUISA DE POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO E DE CULTURA; EM DOUTORAMENTO-SANDUÍCHE NO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DO MINHO, PORTUGAL. BOLSEIRA DA CAPES. JORNALISTA

RESUMO

Desde 2008, no Brasil, percebe-se um aumento no estímulo às coproduções cinematográficas internacionais. Daquele ano até 2014, Portugal tem sido o principal parceiro do Brasil em coproduções de longas-metragens. Entre os continentes, a Europa também está em primeiro lugar nesse *ranking*. De 2008 a 2014 foram registrados 23 filmes longas-metragens compartilhados entre os dois países, representando 30% das coproduções independentes realizadas entre o Brasil e diversos países, amparadas por mecanismos públicos bilaterais de apoio direto e indireto. Considerando que é residual a atividade cinematográfica na maioria dos países da Comunidade de Países da Língua Portuguesa (CPLP), observa-se que o investimento público no setor ocorre prioritária e basicamente onde já há uma estrutura mínima para fomentar o desenvolvimento de relações de coprodução cinematográfica entre os países. Nesse contexto, Portugal tem sido o único país lusófono com o qual o Brasil mantém uma relação consolidada no âmbito da política de fomento direto. Mas que condições estruturais e culturais favorecem ou dificultam o alargamento dessa integração? Diante do conflito entre cinema hegemônico e diversidade cultural, como as discussões sobre o multiculturalismo, a interculturalidade e os processos da globalização econômica,

no âmbito do cinema, contribuem para pensar sobre o tema? Tendo como sustentação teórico-metodológica a Economia Política da Comunicação e da Cultura (EPCC) e os Estudos Culturais, e como recurso metodológico entrevistas em profundidade com cineastas e gestores das políticas de cinema, bem como o levantamento e a análise de dados, este artigo apresenta subsídios para refletir sobre como vem sendo construída a relação entre Portugal e Brasil no âmbito das coproduções cinematográficas.

PALAVRAS-CHAVE

Coprodução Cinematográfica Internacional, Portugal e Brasil, Política Audiovisual Portuguesa, Política Audiovisual Brasileira

MEMORIA E IDENTIDAD EN EL RECIENTE CINE EUROPEO

JOSÉ MANUEL PELÁEZ ROPERO

CECS-UMINHO

RESUMEN

Desde mediados de los años noventa - y coincidiendo con la fiebre de la memoria que vivió por las mismas fechas el cine estadounidense - la memoria se convirtió en uno de los grandes ejes de reflexión de los cineastas europeos. Una ola en la que quedaba patente la preocupación por la historia reciente y el lugar que Europa debía ocupar en un nuevo orden, contextualizado por el final de la guerra fría, la aceleración del proyecto de construcción continental y la tendencia hacia un mundo multipolar.

A partir de la lectura de algunos de los más conocidos filmes europeos de los últimos veinticinco años, y desde una óptica interdisciplinar, pretendemos abordar la imagen que la memoria ha tenido en la reciente cinematografía continental, como reflejo de la forma en la que el continente se ha posicionado frente a las grandes transformaciones que nuestro planeta ha vivido en el último cuarto de siglo.

PALABRAS CLAVE

Cinematografía, Historia, Memoria, Europa

NANO-GAMING: PRODUTORAS E EDITORAS DE VIDEOJOGOS COMO CRIADORES DE CONTEÚDOS SOBRE NANOTECNOLOGIA

RUI VIEIRA CRUZ

*CENTRO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS SOCIAIS, CICS.NOVA UMINHO/
CENTRO DE ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE, CECS*

RESUMO

São diversos os discursos políticos e científicos que apresentam a nanotecnologia como a nova Revolução Industrial, com a promessa de fomentar um novo paradigma civilizacional abalando o mundo como o conhecemos. Enquanto tecnologia convergente ligada a sectores tecnológicos (e.g. biotecnologia, tecnologias de informação) e a sectores de aplicação (e.g. energia, produção alimentar, saúde, militar), a sua composição torna-a uma forma de conhecimento multidisciplinar e de aplicação inter-industrial.

Esta pluralidade conceptual permite às indústrias culturais, em especial literatura, cinema, séries televisivas e videojogos ligados ao género de ficção científica, a construção de um novo imaginário social em torno das (nano) tecnologias. Por outro lado, estas demonstram potencial para moldar e criar novas formas de expressão cultural nomeadamente em termos estéticos, temáticos e representacionais nestas mesmas indústrias culturais. Por terem alterado e moldado os contextos narrativos dos produtos culturais, as tecnologias possibilitam também aos jogadores a interacção virtual com estes produtos. Questionamos especificamente qual o contributo dos videojogos e a forma como esta indústria cultural retrata a nanotecnologia para perceber a criação dos actuais paradigmas tecnológicos.

Este artigo visa identificar a forma como a nanotecnologia é retratada nos videojogos, no período correspondente à produção de dois ciclos de consolas (2005-2013/ 2013-actualidade) estimando também quais as funções e papéis atribuídos pelas diferentes produtoras e editoras de videojogos. Pretendemos demonstrar de que forma a nanotecnologia é associada com os sectores tecnológicos e de aplicação, questionando as configurações geopolíticas representadas na indústria dos videojogos. Configurando um arquétipo de análise através da aplicação combinada dos modelos de segregação de Schelling e de Difusão de Inovações quisemos perceber quem são e de onde provêm as produtoras/ editoras criadoras de conteúdos explícitos ligados à nanotecnologia e as suas bases de consumidores, testando as formas de propagação e aceitação destes videojogos.

PALAVRAS-CHAVE

Nanotecnologia, Videojogos, Indústria Cultural, Modelo de Difusão de Inovações

**LEITURAS SOBRE A PÓS-COLONIALIDADE PORTUGUESA (19
DE JUNHO, 9H30-11H00) – SALA DE ATOS DO ICS**

UM CENTRO SEM FRONTEIRAS: COM HELDER MACEDO, PELO MUNDO

ANA MARGARIDA FONSECA

CENTRO DE ESTUDOS COMPARATISTAS/INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA

RESUMO

A obra literária e ensaística de Helder Macedo reflete o percurso existencial de um homem que incessantemente cruzou fronteiras – da África do Sul onde nasceu até Inglaterra onde viveu a maior parte da sua vida, com passagens pelo Moçambique colonial, pelo Brasil e, naturalmente, por Portugal, o chão de pertença. Mas mais do que fronteiras físicas, Helder Macedo distingue-se pelo atravessamento dos limites de um povo ou nação: firme na recusa de essencialismos e na defesa de uma identidade plural, tanto em termos individuais como coletivos, o escritor acredita que a riqueza nos vem da multiplicidade e da assunção de um lugar no mundo que se abra à presença do outro.

Numa Europa que se debate com a tentação do encerramento sobre si mesma, ao mesmo tempo que teme a presença da alteridade, importa pensar o contributo que Portugal pode dar para uma visão descentrada das culturas, não recusando a história colonial nem as transformações pós-coloniais ainda em curso. O nosso objetivo passa, assim, por percorrer alguns textos literários de Helder Macedo, assim como parte da sua produção ensaística, na tentativa de discutir os contributos que este notável intelectual português pode trazer para um repensar da(s) crise(s) na Europa e para a redefinição das identidades coletivas.

PALAVRAS-CHAVE

Helder Macedo, Fronteiras, Identidade, Pós-colonial

O GÊNERO E OS GÊNEROS: FORMAS EUROPEIAS, ENUNCIÇÕES MARGINAIS

EMERSON INÁCIO

CNPQ, CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO/UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, USP – BRASIL

RESUMO

Assumindo a premissa de que os gêneros literários constituem-se tanto quanto uma herança europeia como também um modelo constantemente revisto e desmontado, pretendo discutir como a representação dos Gêneros Sexuais e da Diversidade Identitária correspondem a uma desmontagem da lógica dos gêneros literários. Em outras palavras: certa transgressão ao ordenamento discursivo próprio das formas literárias caracteristicamente delineadas pelas experiências estéticas europeias e masculinas (naturalizada como atinente ao campo literário) parecem ser apenas possíveis em dizeres estéticos e textualidades que se constituem nas periferias e margens dos discursos culturais.

PALAVRAS-CHAVE

Gêneros Literários, Diversidade Sexual, Cânones Literários e Culturais

REVISITANDO AS RELAÇÕES COLONIAIS ENTRE PORTUGAL, ÁFRICA E BRASIL: HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS QUILOMBOS DE ITACARÉ E DO RIO DE CONTAS, BA

VALÉRIA AMIM & LEILA AMARAL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, BA / UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, COVILHÃ

RESUMO

As relações entre Portugal e Brasil datam do século XVI. Durante mais de trezentos anos, o Brasil foi a maior colônia Portuguesa no Mundo. Período que também corresponde à escravidão dos negros africanos na colônia. A primeira leva de escravos desembarcados pelos colonizadores data do ano de 1538. A condição de escravidão imposta ao negro sempre suscitou movimentos de revolta e resistência. Entre as várias expressões de resistência, a formação dos quilombos foi uma das mais importantes. Ao buscarmos recuperar a totalidade histórica desses remanescentes quilombolas, recorreremos aos relatos orais e a memória na tentativa de reconstruir as tramas que compõem uma inteligibilidade do seu passado e da reconfiguração de suas identidades culturais. A história de formação dos quilombos de Itacaré,

relatada pelos mais velhos dessas comunidades é a mesma contada pelas comunidades do Bananal, da Barra e do Riacho das Pedras, na Cidade de Rio de Contas, Chapada Diamantina, Bahia. Ambos os relatos nos dizem que no século XVII, um navio teria naufragado na orla do município de Itacaré. Os sobreviventes nadaram até a praia, uns se fixaram e outros, seguindo o curso do Rio de Contas, adentraram sertão acima em busca de um lugar seguro para povoarem. Apesar de não existir nenhum documento oficial sobre essa ocorrência, sabe-se que quando a família Mafra e o bandeirante Sebastião Pinheiro da Fonseca Raposo, na segunda década do século XVIII, chegaram à vila de Rio de Contas, os negros já estavam lá. Embora a historiografia oficial busque uma objetividade através da prática regular de decifração de documentos, não é mais possível desqualificar o testemunho direto daqueles que rememoram os eventos à luz da experiência, das emoções e das necessidades do presente. Nesse sentido, a história dos quilombos de Itacaré e Rio de Contas, na Bahia, remetem à valorização de uma história das representações e do imaginário social dessas comunidades bem como a compreensão dos usos políticos do passado pelo presente, promovendo assim, uma reavaliação das relações entre história e memória.

PALAVRAS-CHAVE

História, Memória, Quilombos, Escravidão

MOBILIDADE E IDENTIDADE NA EUROPA (19 DE JUNHO, 9H30-11H00) – ANFITEATRO DO IE

A MOBILIDADE INTERCONTINENTAL DE CIENTISTAS EUROPEUS: DISCURSOS SOBRE PERDAS E GANHOS D(N)A EUROPA

EMÍLIA ARAÚJO

CECS-UMINHO

RESUMO

Esta comunicação versa sobre a mobilidade dos cientistas europeus para outros continentes, em particular a América do Norte, e a sua relação com o posicionamento da Europa perante si própria e o mundo. Nos últimos anos tem-se assistido ao incremento de um discurso sobre a mobilidade de cientistas europeus que tende a frisar a necessidade de a Europa criar condições de atração dos seus cientistas, providenciando medidas contra a saída destes profissionais para outros continentes, sobretudo os Estados

Unidos da América. Este discurso inclui as mais variadas modalidades de programas de financiamento da investigação e tem privilegiado o projeto de consolidação de um espaço europeu de investigação. Nesse contexto, várias investigações têm enfatizado, inclusivamente, o regresso dos cientistas europeus dos lugares onde estão, em especial dos EUA. Vários estudos dão conta dos perfis e das motivações de saída da Europa e de regresso, focando o papel que a própria mobilidade tem no que respeita à circulação do conhecimento e desenvolvimento das diásporas científicas, com impacto positivo sobre os países de origem. Desconhece-se, no entanto, estudos que versem sobre a natureza do discurso presente nas políticas europeias para a ciência e a tecnologia e o modo como veiculam representações específicas sobre o futuro da Europa no que respeita à área da investigação científica, assim como em relação ao posicionamento do continente europeu face a outros continentes, em particular a América do Norte, e o mundo, em geral. A comunicação que apresentamos contempla este debate de natureza identitária, mobilizando diversas problemáticas que incluem a mobilidade científica e globalização, assim como as questões da transnacionalidade em ciência. Do ponto de vista empírico, para além da análise da literatura existente sobre o fenómeno, a comunicação integra uma análise crítica de três tipos distintos de discurso: i) o discurso oficial produzido no âmbito da definição das políticas científicas, nomeadamente de financiamento à investigação; ii) o discurso sobre a Europa dos próprios cientistas que escolhem sair e iii) o discurso mediático, através do qual a mobilidade de cientistas ganha visibilidade. Sobre este último tipo de discurso, ter-se-á em conta a forma como os jornais internacionais europeus e não europeus descrevem, analisam e veiculam conteúdos sociologicamente significativos, sobre os cientistas europeus a residir noutros continentes, nomeadamente no americano. Procuramos, ainda, perceber como esses discursos constroem fronteiras entre os próprios países europeus, no que se refere à identificação das “perdas” e dos “ganhos” da (com a) mobilidade.

PALAVRAS-CHAVE

Mobilidade, Ciência, Identidade, Cultura

JOVENS EUROPEUS EM BUSCA DA EUROPA

VANIA BALDI

PROF. AUXILIAR DE SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO, UNIVERSIDADE DE AVEIRO

RESUMO

Uma *T-shirt* de há alguns anos atrás tinha inscrita a irónica frase: “tenho a consciência limpa: nunca a usei”. Esta piada pode explicar de forma

emblemática o grave paradoxo que continua a bloquear a construção de uma identidade e de uma consciência europeia. Se pensarmos na discrepância entre o desígnio político originário para uma Europa Federal dos povos e a sua desconfortante realização, assim como na cisão radical existente entre a organização e o funcionamento das suas instituições representativas e os anseios dos seus cidadãos, podemos alegar como uma sua possível explicação esta consciência imaculada. Os europeus ainda têm dificuldades em pensar uma consciência europeia porque a Europa não demonstrou pensar o suficiente sobre os europeus, porque ainda não desenvolveu uma consciência sobre si própria. Com as palavras de Jürgen Habermas, dir-se-á que se trata de uma Europa sem europeus, uma Europa que não pensou, nem evoluiu, em direção a eles.

Para promover uma consciencialização acerca do *ser europeu* seria necessário, em primeiro lugar, reconhecer a importância de um projeto continental capaz de cultivar e fundamentar, de forma abrangente, a especificidade cultural da sua visão. Investigar sobre a emergência de uma consciência europeia juntos das novas gerações obriga a examinar tal cenário, cruzando uma rede de problemáticas remetidas pelas relações (transversais como designais) entre países, instituições e cidadãos de diferentes gerações.

PALAVRAS-CHAVE

Consciência Europeia, Identidade Cultural, Herança Ética, Jovens Europeus

PORTUGAL EUROPEU: A PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES DE ERASMUS

DANIEL NOVERSA

MESTRADO EM SOCIOLOGIA, UNIVERSIDADE DO MINHO

RESUMO

Esta comunicação tem como objectivo analisar a relação de Portugal com a Europa, bem como compreender, através dos estudantes portugueses que participaram no programa de intercâmbio académico *Erasmus*, quais os traços/características que definem Portugal como um país europeu. Pretende-se, sobretudo, compreender como os estudantes de *Erasmus* portugueses percebem a questão europeia em Portugal.

A metodologia adoptada incidiu essencialmente numa abordagem qualitativa, pela razão de que tanto a dimensão europeia, quanto o programa *Erasmus* são temáticas muito desenvolvidas em estudos de cariz quantitativo e porque o meu objectivo principal é a compreensão do objecto de estudo. A principal técnica de recolha de informação escolhida foi a entrevista semidirigida por permitir conhecer de modo aprofundado as opiniões, as representações e os sentidos dados por estes estudantes relativamente ao objecto de estudo, assim como a avaliação que fazem das suas experiências.

As entrevistas realizadas trouxeram diversos pontos de vista sobre as dimensões em análise, devendo-se, em grande parte, às diversas áreas científicas em que estes estudantes estudam e devido ainda às diferenças culturais e económicas dos países em que se instalaram no decurso do programa de intercâmbio. É, assim, possível perceber como os estudantes percebem as diferenças e semelhanças do seu país face aos países onde tiveram oportunidade de estudar.

A partir da investigação exploratória conduzida junto dos estudantes Erasmus, com o objectivo de estudar a relação dos portugueses com a Europa, foi possível concluir que a Europa é percebida como um espaço de modernidade e como uma espécie de «melhor amiga» do país, sobretudo pelas vantagens que trouxe e que continua a trazer para o desenvolvimento do país e pela visibilidade que nos oferece ao encontrarmo-nos inseridos num quadro de maior amplitude como é o da União Europeia.

PALAVRAS-CHAVES

Identidade Europeia, Portugal, Estudantes de Erasmus

OS NEXOS SECURITÁRIOS NA NARRATIVA DA UNIÃO EUROPEIA: DO CROSSBORDER ÀS FRONTEIRAS SOCIETAIS E IDENTITÁRIAS

ANA PAULA LIMA PINTO OLIVEIRA ALMEIDA BRANDÃO

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA-CICP, UNIVERSIDADE DO MINHO

RESUMO

A comunicação incide sobre o nexo entre “os aspetos internos e externos da segurança” declarado pela UE no pós-Guerra Fria, propondo-se refletir sobre o racional e os efeitos da narrativa e das práticas europeias para a reconfiguração da lógica de fronteira. A construção da *actorness* da União Europeia no domínio da segurança tem sido acompanhada por uma narrativa de nexos securitários (interno-externo, segurança-desenvolvimento, civil-militar, público-privado) associados à designada *comprehensive approach*. Neste contexto, importa analisar o racional subjacente à narrativa e às práticas dos nexos. Com base na análise no nexo *in/out*, argumenta-se que este resulta de uma adequação co-constitutiva: apropriação de políticas e instrumentos de um ator multifuncional para fins securitários; securitização dos assuntos com vista à projeção das políticas e do ator. Identificado o racional do nexo securitário importa, num segundo momento, analisar os efeitos do mesmo. A este nível, a comunicação incide sobre as implicações em termos de reconstrução da lógica de fronteira. Distanciada a possibilidade de ameaças clássicas de fonte e alvo estadual, de proximidade geográfica, as lideranças europeias reconstróem o discurso securitário assente na proximidade

globalizada de um periferia insegura e imprevisível. A preocupação centra-se na externalização dos efeitos da conflitualidade interna, no limite traduzida na ‘proximidade’ da insegurança geograficamente distante e/ou na ameaça de uma periferia instável. Assim, a clivagem Norte-Sul, antes assente numa categorização económica, é agora reconstruída em termos securitários. Da narrativa dos nexos resulta uma outra fronteira de natureza societal e identitária: partindo de uma abordagem multissetorial, as designadas ‘novas ameaças’ incluem, entre outras, imigração irregular, radicalismo islâmico, terrorismo, que, segundo o discurso, ameaçam a identidade, normas, valores e princípios “das nossas sociedades”. Em suma, a narrativa dos nexos substitui a fronteira do paradigma realista (separação paradigmática, política e orgânica entre *in/out* tendo por referência a fronteira político-geográfica), pela fronteira reconfigurada quer em termos de centro estável/periferia insegura (tornada próxima no mundo globalizado, de ameaças ‘multidimensionais’, ‘dinâmicas’, ‘transnacionais’), quer em termos societais e identitários.

PALAVRAS-CHAVE

União Europeia, Securitização, Fronteira, Identidade

MEDIA, CULTURA E IDENTIDADE (19 DE JUNHO, 9H30-11H00) – SALA DE ATOS DO ICS

O EU E O OUTRO - O CASO DO ATENTADO AO “CHARLIE HEBDO” À LUZ DO JORNAL PORTUGUÊS “PÚBLICO” E DO JORNAL RUSSO “KOMMERSANT”

**HELENA CARLA GONÇALO FERREIRA, PAVEL NOSOV,
MARIA MANUEL BAPTISTA & LARISSA LATIF**

PROGRAMA DOUTORAL EM ESTUDOS CULTURAIS, UAVEIRO/UMINHO

RESUMO

“Je suis Charlie”. Esta frase percorreu o mundo ocidental, logo após o atentado terrorista ao jornal satírico “Charlie Hebdo”, que ocorreu em Paris, no dia sete de Janeiro do presente ano, e que culminou na morte de doze pessoas. A frase exprime indignação e solidariedade para com as vítimas e é decisiva para a compreensão das representações do Eu e do Outro. O Eu é Charlie e o Outro, passando pela linguagem do Eu e considerado por este, como diferente e incompreensível, é o que não é Charlie, o agressor do jornal.

Partindo da ideia de que as identidades do Eu e do Outro ganham maior visibilidade em situações de conflitos, sendo também o núcleo da sua emergência, devido às diferenças culturais, este estudo centra-se nas peças jornalísticas sobre o atentado ao Charlie Hebdo, do jornal português “Público” e do jornal russo “Kommersant”, no período compreendido entre o dia sete (data do atentado) e quinze (dia seguinte à primeira publicação do jornal Charlie Hebdo, após o atentado) de Janeiro de 2015. Tendo em conta as várias identidades presentes: Ocidental, Islâmica, Comunidade Europeia, Europa de Leste, Portugal, Rússia e França, pretende-se perceber que semelhanças e diferenças existem nas representações de cada Eu e cada Outro nas peças de dois jornais cuja identidade e cultura é díspar.

A abordagem escolhida foi a análise de conteúdo, que permitiu, por um lado, validar e generalizar a leitura das peças jornalísticas e, por outro, enriquecê-la, efectuando a descoberta de conteúdos e estruturas que possibilitaram confirmar que as categorias representativas do Eu e do Outro, nas peças dos jornais das duas nações europeias, assumem diferenças significativas. O jornal “Público”, assumindo a identidade portuguesa, ocidental e membro da comunidade europeia, reflecte uma maior proximidade e solidariedade ao Eu, Charlie Hebdo.

PALAVRAS-CHAVE

Charlie Hebdo, Identidade, Eu, Outro

MEDIA E IDENTIDADE(S): AS NOTÍCIAS SOBRE A EUROPA E O MUNDO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL PORTUGUESES

MARTA LIMA

*PROFESSORA AUXILIAR CONVIVADA DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
E INVESTIGADORA INTEGRADA DO INSTITUTO DE SOCIOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO*

RESUMO

Apesar da expansão e da relevância crescente dos novos media no panorama da comunicação, em geral, e da informação, em particular, o jornalismo televisivo e a imprensa escrita detêm ainda um papel de indelével importância nas sociedades contemporâneas e no próprio funcionamento das democracias. Foi precisamente com base nesta ideia que desenvolvemos uma investigação doutoral, no âmbito da qual procuramos identificar e analisar as características do universo mediático português na atualidade e descortinar os paralelismos, as disparidades e as influências que existem entre o jornalismo televisivo e o jornalismo impresso.

Nesse sentido analisámos a estrutura e o conteúdo dos noticiários de horário nobre da RTP1, SIC e TVI e das edições do Correio da Manhã, Jornal

de Notícias e Público. Nesta análise atentámos sobretudo nos temas que marcam a atualidade informativa, nos géneros jornalísticos, no tipo de notícias abordadas e sua natureza, nas fontes noticiosas e no contexto em que ocorrem os factos noticiados.

É precisamente sobre esta última variável que assenta a comunicação aqui apresentada, a qual visa constituir uma oportunidade para a reflexão sobre o peso das notícias relativas à Europa e ao mundo nos meios de comunicação social portugueses. Com base nos dados recolhidos, pretendemos analisar as especificidades do noticiário internacional e das peças noticiosas sobre o contexto europeu, nomeadamente as que visam a União Europeia, bem como a sua importância, procurando perceber até que ponto esses dados nos dão pistas pertinentes sobre questões identitárias e sobre a identificação dos telespectadores e dos leitores portugueses face a temas que extravasam as fronteiras nacionais. Paralelamente identificaremos e debateremos as diferenças que existem entre os órgãos de comunicação analisados ao nível do tratamento noticioso de temas e acontecimentos além-fronteiras, lançando um enfoque especial sobre o papel que o operador público de televisão assume ou deveria assumir a este nível.

PALAVRAS-CHAVE

Media, Notícias, Europa, Mundo

PORTUGAL NO CORAÇÃO - A PERFORMANCE NO FESTIVAL EUROPEU DA CANÇÃO COMO VEÍCULO DE UMA NARRATIVA NACIONAL

SOFIA VIEIRA LOPES

INSTITUTO DE ETNOMUSICOLOGIA – CENTRO DE ESTUDOS EM MÚSICA E DANÇA, INET-MD/FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

RESUMO

O Festival RTP da Canção (FRTPC) é o concurso televisivo de maior duração em Portugal, com cinquenta edições desde 1964. Neste Festival, a performance, para além da música, constitui um elemento discursivo fundamental num meio audio-visual como a televisão. O vencedor do FRTPC representa Portugal no Festival Eurovisão da Canção (FEC) e a sua performance adquire assim diferentes significados, oscilando entre opções estéticas, políticas e económicas.

Esta comunicação baseia-se na análise das performances vencedoras no FRTPC e das performances portuguesas no FEC. Baseada nas premissas de Bolin (2006), Baker (2008), Mitrovic (2010) e Jordan (2013), com um olhar atento nos diferentes contextos históricos, pretendo apresentar uma reflexão acerca das estratégias discursivas da televisão pública na representação da nação, nos contextos nacional e europeu. Pretendo perceber de que forma

o FEC e o seu contexto transnacional e altamente globalizado influenciou as escolhas portuguesas. «Being inside and outsider at the same time» (Meyrowitz, 1986), o conceito de *Glocal* está agora presente nas canções que negociam as diferentes identidades.

Assim, parto da noção de *Utopian Performatives* (Dolan, 2005) e do trabalho de Ahmed (2004) em torno das *Cultural Politics of Emotion* para apresentar uma reflexão acerca das estratégias discursivas e identitárias na música e na performance. Através de uma *Dramaturgy of feeling* (Dolan, 2005), pretendo verificar se as performances no FRTP são realmente pensadas como veículo privilegiado para noções identitárias, ao mesmo tempo que analiso a importância dos discursos da imprensa relativamente às canções e aos próprios eventos. É igualmente fundamental ter em consideração o conceito de saudade (Leal, 2000) como “capital cultural nacional” (Lôfgren).

Neste contexto de constante negociação identitária, os conceitos de nação, comunidade imaginada (Anderson, 1983), europeidade e portugalidade são negociados e postos num *display* (Mitrovic, 2010) que combina *Entertainment and Utopia* (Dyer, 1977).

PALAVRAS-CHAVE

Música, Televisão, Identidade, Performance

FIFA WORLD CUP 2014 E O SERVIÇO PÚBLICO DE MEDIA NA EUROPA: OS DESAFIOS DOS PERIFÉRICOS MÓVEIS NA CONSTRUÇÃO DO #ESTÁDIO GLOBAL

IVO NETO & FELISBELA LOPES

CECS-UMINHO

RESUMO

A entrada no século XXI levantou um conjunto de desafios para o jornalismo, principalmente provocados pelo desenvolvimento da Internet. Na primeira década deste século, a massificação da rede e dos computadores marcou os debates em torno da reconfiguração do jornalismo neste novo ambiente. Já no decorrer da segunda década, o desenvolvimento dos periféricos de informação móvel e o crescimento das redes sociais acrescentaram novos motivos para pensar este novo ecossistema informativo. Ora, todos estes debates terão obrigatoriamente de ser integrados na reflexão sobre o renovado papel do Serviço Público de Media (SPM) que, pela sua história, terá de ser feita à escala europeia. Depois de terem evoluído em ambiente broadcast, (de um para muitos, próprio da rádio e da TV), os operadores públicos são hoje confrontados com a necessidade de distribuir conteúdos em diferentes plataformas, usando distintas linguagens e dirigindo-se também a públicos com diferentes modos de consumo e de posicionamento perante os conteúdos.

É a reflexão sobre a nova reconfiguração do SPM que queremos fazer. Para isso, partimos de um estudo de caso em torno da cobertura mediática que os operadores públicos de diversos países europeus efetuaram durante o Campeonato do Mundo do Brasil. Para encontrar elementos estruturantes do SPM, acrescentamos para cada país o estudo de um canal privado. Assim, foram analisados 12 jogos, envolvendo seis outlets informativos de operadoras europeias – três privados e três operadores de SPM -, de três países diferentes: Portugal, Bélgica e Reino Unido. Queremos, nesta investigação, destacar sinais de convergência e oportunidades criadas para um consumo mais ativo por parte dos utilizadores, assim como apontar alguns traços distintivos que hoje posicionam o SPM como um operador imprescindível. O trabalho aqui apresentado faz parte de um estudo mais longo, inserido no projeto de doutoramento Informação 4G: Os desafios que as tecnologias móveis colocam no campo do jornalismo, que está a ser desenvolvido no CECS, na Universidade do Minho, financiado pela FCT.

PALAVRAS-CHAVE

Serviço Público de Media, Mobile Media, Convergência FIFA World Cup

MOBILIZAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO: ACONTECIMENTOS E MOVIMENTOS SOCIAIS EM PORTUGAL NO SÉCULO XXI (19 DE JUHO, 11H30-13H00) – ANFITEATRO DO IE

OS MOVIMENTOS SOCIAIS DO SÉCULO XXI: UMA NOVA FORMA DE PARTICIPAÇÃO CÍVICA?

CÉLIA TABORDA

PROFESSORA AUXILIAR, UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO

RESUMO

Ao longo da história contemporânea europeia os cidadãos foram adquirindo direitos de contestação, o que lhes permitiu utilizar novas formas de mobilização para adquirir novos direitos, ou simplesmente para manifestar o seu descontentamento. Se, inicialmente, as greves e manifestações eram consideradas desordens públicas, com o passar do tempo passaram a ser direitos adquiridos, o que fez surgir na esfera pública mais Movimentos Sociais. Em Portugal, os movimentos de 12 de Março de 2011 (“Geração à Rasca”) e 15 de Setembro de 2012 (“Que se lixe a Troika”) são exemplificativos da insatisfação dos cidadãos portugueses. Estes movimentos juntaram milhares de

pessoas num protesto contra as políticas governamentais e em defesa de um novo modelo político, económico e social. Em várias cidades do país, os portugueses, enquanto cidadãos, intervieram na esfera pública e manifestaram-se sobre questões que lhes diziam respeito, como a crise, desemprego, exploração, enquanto pessoas pertencentes a uma coletividade.

Neste início do século XXI, os partidos e sindicatos europeus têm perdido o protagonismo na organização de manifestações e greves. As ações coletivas preparadas e conduzidas por atores específicos têm dado lugar a novas formas de ação social, sem líderes, sem organização, sem sede, e que recorrem às redes sociais como forma de mobilização. São movimentos sociais que contestam não para ter mais direitos mas para exercerem os que existem, uma cidadania plena, que oferece a liberdade de expressar a opinião e a regalia de participação na área política, económica, social, educativa. Desta forma, no início do século XXI, os movimentos sociais têm vindo a adquirir um papel-chave como ator político num Estado democrático, pela importância reconhecida como portador legítimo e representante dinâmico de reivindicações de diferentes setores da sociedade civil. Serão estes movimentos indícios de uma nova consciência cívica?

PALAVRAS-CHAVE

Movimentos Sociais, Cidadania, Direitos, Contestação

O ANONIMATO, AS REDES DIGITAIS E OS HORIZONTES DE UMA NOVA POLIS — CIDADÃOS E ANÓNIMOS NAS MANIFESTAÇÕES DA GERAÇÃO À RASCA DE 2011

LUÍS MIGUEL LOUREIRO

PROFESSOR AUXILIAR DA UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO, INVESTIGADOR DO CIC.DIGITAL E JORNALISTA DA RTP – RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL

RESUMO

A 12 de Março de 2011, centenas de milhares de pessoas saíram em simultâneo às ruas de nove cidades portuguesas e de algumas cidades estrangeiras onde vivem cidadãos portugueses (Barcelona, Paris). O número exacto de manifestantes nunca foi estabelecido com rigor. Os organizadores nacionais e locais do protesto fixariam um número a rondar as cerca de 500 mil pessoas. As autoridades policiais admitiriam um total de cerca 300 mil.

O que tornou as manifestações simultâneas da *Geração à Rasca* um momento político novo (de tal forma que se tornou referência para movimentos verificados posteriormente como os Indignados, em Espanha)? Que elementos constitutivos se conjugaram no fenómeno, permitindo que um movimento não configurado originalmente no seio do espaço público tradicional tomasse, de modo tão massivo, o seu centro, e em todas as suas dimensões?

Há um conjunto de três afloramentos que, definindo um percurso eventivo composto de “*uma pluralidade de ações ou ocorrências encadeadas*” (Babo-Lança, 2006), nos permitirão falar de um acontecimento constituído de elementos que não encontram precedentes em anteriores movimentos populares e situações de protesto social e político na sociedade portuguesa. O mais imediato será o *afloramento tecnológico*, relacionado com a utilização das redes digitais, envolvendo activistas e participantes. Aspectos como a divulgação, o debate dos conteúdos políticos e a mobilização dependeram mais de uma comunicação *intersticial* do que partilhada no visível.

Um segundo afloramento é o carácter *não institucional ou organizacional* dos protestos. Todo o discurso que elaborou a *mobilização* foi configurado em torno da noção de um acto público de *cidadania* contra um quadro situacional. O terceiro afloramento alimenta-se da noção de acção comum levada a cabo por *anónimos* que apenas se *representaram a si mesmos*, não pretendendo alcançar qualquer programa político colectivo alternativo ou promover substituições *representacionais*.

Nesta comunicação propomos uma leitura integrada dos três afloramentos emergentes. Revela-se um conflito importante: entre o *cidadão* moderno - cuja dependência dos dispositivos normativos, que fazem parte da sua elaboração na modernidade, implica sempre uma existência no visível -, e a condição *anónima* do sujeito político aparentemente emergente nos protestos, condição originariamente indiscernível no visível, logo, oculta.

PALAVRAS-CHAVE

Redes Digitais, Anonimato, Cidadania, Novos Fenómenos Sociais

“NÃO É FÁCIL SER FÁCIL”: UMA ANÁLISE DA SLUTWALK PORTUGAL NAS REDES SOCIAIS

ANABELA SANTOS, CARLA CERQUEIRA & RUI VIEIRA CRUZ

CECS-UMINHO / CECS-UMINHO E UNIVERSIDADE LUSÓFONA
DO PORTO / CICS.NOVA-UMINHO E CECS/UMINHO

RESUMO

A SlutWalk consiste num movimento transnacional que surgiu no Canadá, em 2011, com o objetivo de combater a culpabilização das vítimas de violência sexual e de afirmar a auto-determinação das mulheres sobre os seus corpos. Enformada por uma perspetiva feminista, que reconhece a importância do conhecimento situado, esta comunicação analisará o modo como a SlutWalk Portugal foi construída pelo ativismo político nas redes sociais. Para além de estabelecer uma convergência entre as ciências da comunicação, as teorias da interseccionalidade e o estudo dos movimentos sociais contemporâneos, esta apresentação permitirá compreender o modo como o

ativismo português tem utilizado as redes sociais para a edificação de discursos contra-hegemónicos e a desconstrução de relações de poder. Explorará, ainda, as potencialidades dos média digitais para a criação de redes de resistência glocalizadas e o combate a sistemas de opressão, como o hetero/cis/sexismo.

Inicialmente, analisámos o modo como a SlutWalk Portugal foi comunicada nas redes sociais e em que medida contemplou uma abordagem interseccional. Após a recolha do material difundido pela organização portuguesa da SlutWalk nas redes sociais, aplicámos entrevistas semi-estruturadas a ativistas que estiveram envolvidas/os na promoção deste movimento no contexto nacional. Os dados foram tratados no quadro da sócio-semiótica visual, da análise temática e da análise crítica do discurso.

Depois, estudámos os suportes e os canais de comunicação que foram utilizados na veiculação de informação sobre a SlutWalk Portugal, através da análise de redes sociais, nomeadamente da teoria de difusão de inovações. Este modelo permitiu analisar sistemas de transferência de informação, registando os nós que ligam organizações, atoras/es e eventos.

Por fim, relacionámos as perceções e os discursos de ativistas portuguesas/es com as representações da SlutWalk Portugal nas redes sociais. Com recurso à análise crítica do discurso, foi possível auscultar a construção do movimento SlutWalk pelo ativismo político nas redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE

SlutWalk Portugal, Ativismo Político, Redes Sociais, Movimentos Sociais Contemporâneos.

MEMÓRIA E PÓS-MEMÓRIA NAS LITERATURAS CONTEMPORÂNEAS (19 DE JUNHO, 14H00-15H30) – SALA DE ATOS DO ICS

AUTORIDADES DE MEMÓRIA E DE PÓS-MEMÓRIA – VOZES FEMININAS EM HELDER MACEDO (NATÁLIA, 2009) E EM ISABELA FIGUEIREDO (CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS, 2009)

SHEILA KHAN

CICS.NOVA-UMINHO

RESUMO

Esta reflexão procura criticamente analisar os diálogos possíveis e, por vezes, tensos entre memória(s) e pós-memória(s), discutindo os limites da

sua autoridade e alcance para melhor compreender a História ou as estórias humanas nas suas encruzilhadas, partindo da análise de dois trabalhos, um ficcional e um outro autobiográfico, cujas protagonistas femininas reescrevem e narrativizam outras memórias com a ausência física de duas figuras masculinas.

PALAVRAS-CHAVE

Memória(s), Autoridade de Memória, Narrativa, Deveres de Memória

INDÍCIOS, RASTOS, TESTEMUNHOS. UMA LEITURA DE RAINHAS DA NOITE DE JOÃO PAULO BORGES COELHO

ELENA BRUGIONI

CEHUM

RESUMO

A partir de uma leitura do último romance de João Paulo Borges Coelho, *Rainhas da Noite* (Lisboa, Caminho, 2013) procura-se reflectir em torno de um conjunto de paradigmas críticos — indício, rasto, arquivo, testemunho — que se configuram como lugares matriciais deste romance e, mais em geral, do projecto literário do autor. Encarando esta escrita literária como uma “experiência epistemológica” (Canclini, 2013), a leitura do texto aponta para uma abordagem desta representação literária como uma prática de produção de um conhecimento alternativo para a edificação de uma *memória identitária e cultural* de/em Moçambique.

PALAVRAS-CHAVE

Memória, (Pós)Memória, Literatura Moçambicana

HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM AL CAPONE LE MALIEN DE SAMI TCHAK

MARIE-MANUELLE SILVA

CEHUM

RESUMO

Al Capone le Malien de Sami Tchak tece, através de um narrador europeu, uma rede de identidades ficcionais elaboradas a partir de personagens reais,

oriundas de sociedades onde coabitam memórias, temporalidades e geografias constitutivas do projeto literário do autor.

Esta reflexão tem como objetivo examinar as relações entre história, memória e identidade numa “geopoética” (White, 1994, Bouvet 2011) que desafia as fronteiras nacionais e genéricas.

PALAVRAS-CHAVE

História, Memória, Identidade, Literatura “Francófona”, “Geopoética”

“LONDON AS A WORLD CITY”: AS REALIDADES DO COSMOPOLITISMO NA EUROPA GLOBALIZADA

MARGARIDA ESTEVES PEREIRA

ILCH/ UNIVERSIDADE DO MINHO

RESUMO

Pretende-se com esta comunicação abordar alguns romances ingleses contemporâneos, especialmente focados na cidade de Londres, onde sobressai a representação de uma cidade cosmopolita e transnacional. Os fluxos de imigração em Londres têm sido retratados ao longo do século XX em vários romances, especialmente, a partir dos anos cinquenta, refletindo a onda de imigração que começa logo a seguir à II Guerra Mundial. Nos últimos trinta anos esses retratos ficcionais têm sido alvo de narrativas várias (desde Kureishi a Monica Ali, entre muitos outros), onde se destaca o carácter cosmopolita, multiétnico e transnacional da capital inglesa. Pretende-se aqui olhar para algumas dessas narrativas mais recentes, tendo em conta o modo como estas retratam os fluxos migratórios da cidade de Londres e o modo como esta foi transformada por eles.

PALAVRAS-CHAVE

Cosmopolitismo, Transnacional, Monica Ali, Hanif Kureishi, Londres

DEBATE AFRICANO

DEBATE AFRICANO (EM DIRETO) – RDP ÁFRICA
19 DE JUNHO - 18H00 – 20H00, NO ANFITEATRO IE

No programa radiofónico **Debate Africano**, discute-se o mundo a partir de cinco países africanos de língua portuguesa: Cabo Verde, com Luís Hopffer Almada, Guiné Bissau, com Eduardo Fernandes, Angola, com Adolfo Maria, São Tomé e Príncipe, com Abílio Neto, e Moçambique, com Sheila Khan. Moderado por Jorge Gonçalves, é um espaço de troca de ideias, debate e comentário sobre os factos da semana em África e no Mundo.

www.rtp.pt/play/p341/debate-africano

Apoios:

MEGAtrônica



NOVO
BANCO⁺